



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMIA, SOCIOLOGIA E POLÍTICA  
(ILAESP)**

**LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

**UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA ACERCA DA CONCEPÇÃO DE PARTO  
HUMANIZADO  
A HISTÓRIA DE UMA FILOSOFIA DA ARTE DE PARTEJAR**

**Discente: ERIKA CONCEIÇÃO DE  
ALMEIDA LIMA SANTOS**

Foz do Iguaçu  
2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,  
SOCIOLOGIA E POLÍTICA (ILAESP)**

**LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

**UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA ACERCA DA CONCEPÇÃO DE PARTO  
HUMANIZADO  
A HISTÓRIA DE UMA FILOSOFIA DA ARTE DE PARTEJAR**

**Discente: ERIKA CONCEIÇÃO DE ALMEIDA LIMA  
SANTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociologia e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Patricia Nakayama

Foz do Iguaçu  
2024

**UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA ACERCA DA CONCEPÇÃO DE PARTO  
HUMANIZADO**

**A HISTÓRIA DE UMA FILOSOFIA DA ARTE DE PARTEJAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociologia e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Patricia Nakayama  
UNILA

---

Prof. Dr<sup>o</sup> Stefano Busato  
(UNIOESTE - Toledo)

---

Prof. Dr<sup>a</sup> Luciana Mello Ribeiro  
UNILA

Foz do Iguaçu, 22 de abril de 2024.

Dedico este trabalho a Rudah Lima Avellar Rivello, meu filho, sem ele esse trabalho reflexivo e filosófico jamais poderia ter existido, seu nascimento que me proporcionou engendrar este trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a minha professora orientadora não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua amizade e por tudo que ela pode contribuir em todo o meu processo de formação, dentre todos(as) os(as) professores (as) foi a que mais estabeleceu afecções acerca do mundo do conhecimento. As oportunidades que ela me proporcionou foram de extrema importância para eu não desistir e terminar este curso. Seu papel foi fundamental para o enriquecimento da minha escrita, principalmente na área da filosofia e métodos filosóficos.

Agradeço também aos professores da banca pelas orientações, que de alguma forma também contribuíram durante a minha trajetória neste curso, seja para reflexões importantes em diferentes áreas da filosofia. Primordialmente, para ações práticas, partilha humana e energia vital sobre aspectos do nosso grande dilema atual, que é ambiental. Assim como, para compreensão das diferentes éticas e linguagens da diversidade de nosso mundo, que é tão incrível. Aos meus(minhas) colegas de curso, que foram fundamentais para os diálogos e trocas de experiências em diferentes vivências acadêmicas, seja para elaboração de trabalhos em grupos, como o compartilhamento de emoções e sentimentos em relação a todos os contextos de nossas vidas, que também influenciam diretamente no nosso desempenho e contexto universitário. Pois, com meus/minhas colegas do curso e de outras áreas também, pude experimentar e aprender sobre lutas políticas. Tal como, promover ações práticas (acesso à alimentação, moradia e melhor educação) para nossa permanência na universidade e que me possibilitou hoje chegar ao final desse ciclo.

Agradeço também, ao meu ex-companheiro por suas correções e por ter me ajudado a aprimorar minha escrita. Bem como, pelo apoio, a troca de diálogos e compreensões acerca das minhas aflições e desânimos da vida.

Agradeço, ao meu atual companheiro, que sempre esteve ao meu lado desde que nos conhecemos e descobri que estava grávida. Através de seus cuidados, pude enfrentar medos e paranoias para poder ter e viver a melhor experiência que já tive em toda a minha vida. E, por consequência, ser o tema desse próprio trabalho, que é o nascimento do nosso filho. Pela compreensão diária e parceria, por conseguir me ajudar a curar diversos traumas, que tive durante a minha vida (desde à infância até a vida adulta). Por ser paciente e jamais ter me abandonado na minha fase mais vulnerável e dependente.

Por fim, agradeço à todas as minhas relações durante esses últimos anos, que me fizeram acreditar nas coisas boas da vida, me sentir acolhida, desejada, feliz, encantada, alegre, única e, sobretudo, amada.

*O capitalismo colocou um fardo esmagador sobre os ombros  
da mulher: fez dela uma trabalhadora assalariada sem ter  
reduzido seus cuidados como governanta ou mães*  
**Alexandra Kollontai**

## RESUMO

Este trabalho consiste em elaborar uma reflexão filosófica para compreendermos o porquê atualmente há a necessidade da concepção de parto humanizado. Para esta tarefa trataremos da ética do cuidado, pois acreditamos que ela pode auxiliar-nos sobre o porquê o ofício de parteiras sempre foi uma sabedoria prática desvalorizada. Para isso, refletimos sobre o desenvolvimento histórico do “engendrar” das parteiras, que é sinônimo de obstetrícia, isto é, a arte médica na modernidade. Ademais, compreendemos que a obstetrícia promoveu a mercantilização e exploração do corpo feminino e do próprio ato de nascer. Assim, fizemos uma análise da história das ideias sobre a "arte de partejar", por meio de fontes escassas da Filosofia do Nascimento. Uma vez que, a reflexão acerca dos cultos dionisíacos, foi esquecida na tradição filosófica. Pois, pressupomos que esse fato se deve justamente a uma repressão a *manía*, que representa um estado da psiquê humana e é a condição típica do trabalho de parto. Por fim, demonstraremos a importância da rememoração da arte da maiêutica, que está associada aos arquétipos e experiências femininas no nascimento e parto, para uma mudança social, cultural e política. Visto que, o nascimento foi negligenciado ao longo da história do ocidente, que resultou na desvalorização da figura feminina, falta de sua participação na vida pública (política), que consequentemente impulsionou a violência obstétrica.

**Palavras-chave:** parto humanizado; ética do cuidado; obstetrícia; mercantilização; arte de partejar; filosofia do nascimento; *dionisismo*; *manía*; maiêutica.

## RESUMEN

Este trabajo consiste en desarrollar una reflexión filosófica para comprender por qué actualmente existe la necesidad de la concepción del nacimiento humanizado. Para esta tarea abordaremos la ética del cuidado, ya que creemos que puede ayudarnos a comprender por qué la partería siempre ha sido una sabiduría práctica infravalorada. Para ello, reflexionamos sobre el desarrollo histórico del "engendramiento" de las parteras, que es sinónimo de obstetricia, es decir, el arte médico en la modernidad. Además, entendemos que la obstetricia promovió la mercantilización y explotación del cuerpo femenino y del propio acto de nacer. Así, analizamos la historia de las ideas sobre el "arte del nacimiento", utilizando escasas fuentes de la Filosofía del Nacimiento. Ya que la reflexión sobre los cultos dionisiacos quedó olvidada en la tradición filosófica. Por tanto, suponemos que este hecho se debe precisamente a una represión de la *manía*, que representa un estado de la *psique* humana y es la condición típica del trabajo de parto. Finalmente, demostraremos la importancia de recordar el arte de la mayéutica, que está asociado con los arquetipos femeninos y las experiencias en el nacimiento y el parto, para el cambio social, cultural y político. Ya que el nacimiento fue descuidado a lo largo de la historia occidental, lo que tuvo como resultado la devaluación de la figura femenina, la falta de participación en la vida pública (política), lo que consecuentemente impulsó la violencia obstétrica.

**Palabras clave:** nacimiento humanizado; ética del cuidado; obstetricia; mercantilización; arte de dar a luz; filosofía del nacimiento; *dionisismo*; *manía*; mayéutica.

## ABSTRACT

This work consists of developing a philosophical reflection to understand why there is currently a need for the conception of humanized birth. For this task we will deal with the ethics of care, as we believe it can help us understand why midwifery has always been an undervalued practical wisdom. To do this, we reflect on the historical development of midwives' "engendering", which is synonymous with obstetrics, that is, the medical art in modernity. Furthermore, we understand that obstetrics promoted the commodification and exploitation of the female body and the act of being born itself. Thus, we analyzed the history of ideas about the "art of birth", using scarce sources from the Philosophy of Birth. Since the reflection on Dionysian cults was forgotten in the philosophical tradition. Therefore, we assume that this fact is precisely due to a repression of *mania*, which represents a state of the human *psyche* and is the typical condition of labor. Finally, we will demonstrate the importance of remembering the art of maieutic, which is associated with female archetypes and experiences in birth and childbirth, for social, cultural, and political change. Since birth was neglected throughout Western history, which resulted in the devaluation of the female figure, lack of participation in public (political) life, which consequently boosted obstetric violence.

**Key words:** humanized birth; ethics of care; obstetrics; commodification; art of giving birth; philosophy of birth; Dionysian's; *manía*; maieutic.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ILAESP	Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>1 O PARTO DA E NA FILOSOFIA</b>	<b>14</b>
1.1 COMPREENDENDO A OBRA DE TEETETO E O PARTO DAS IDEIAS	19
1.2 A FILOSOFIA DO NASCIMENTO E A NEGLIGÊNCIA AO PARTO	22
<b>2 O PARADOXO HISTÓRICO DO PARTO</b>	<b>29</b>
2.1 O NASCER E A FILOSOFIA	29
<b>3. A “ARTE DE FAZER PARTOS”</b>	<b>32</b>
3.1 OS TRÊS TIPOS DE PARTO E O PARTO HUMANIZADO	36
3.2 A EXPLORAÇÃO DO PARTO E A SUA MERCANTILIZAÇÃO	38
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>48</b>
<b>ANEXOS</b>	
<b>ANEXO I – DELINEADO HISTÓRICO DO LIVRO OBSTETRÍCIA DE ZUGAIB</b>	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresentamos uma reflexão filosófica em relação à concepção de parto, ou ainda, de uma filosofia do nascimento. Essa abordagem consiste em buscar bases teóricas para o desenvolvimento de uma filosofia fundamentada na natalidade, a fim de estabelecer também uma nova abordagem da origem epistêmica do pensamento ocidental.

No primeiro capítulo, trouxemos o artigo *DIONISO, DIOTIMA, SÓCRATES E A EROSOFIA* da pensadora Clara Britto da Rocha Acker, que aborda duas perspectivas de cultos na antiguidade, o orfismo e o *dionisismo*. O orfismo é o culto atribuído à ideia de mortalidade e o *dionisismo* está relacionado a aspectos da natalidade, como gravidez, gestação e parto. A partir disso, discutimos em “*O parto da e na filosofia*”, buscando esclarecer como a história das ideias negligenciou o nascimento e aderiu ao orfismo, com a finalidade de instituir um poder político, propriamente masculino. Conforme podemos encontrar no livro de Alison Stone, a explicação acerca da aderência ao orfismo está ligada a necessidade de Platão ter uma resposta ao Paradoxo de Mênon, que surge sua ideia sobre a “imortalidade da alma e mortalidade do corpo” e sua teoria da *anamnese* (rememorar), para estabelecer o mundo das ideias ou das Formas Perfeitas.

Na seção “*Compreendendo a obra de Teeteto e o parto das ideias*”, apresentaremos aspectos socráticos nos diálogos platônicos, onde Sócrates mostra aspectos positivos acerca da *mania*, que é um estado atribuído ao parto, nascimento e gravidez. A partir disso, estabelecemos indagações sobre quais foram as consequências dessa perda histórica acerca do nascimento e do negligenciamento do próprio corpo, especificamente feminino, ao longo da história da filosofia, que atribuí aspectos negativos à *mania*.

Posteriormente, analisamos o texto de Alison Stone em *A Filosofia do Nascimento*, para tratar dos problemas modernos e atuais sobre o negligenciamento histórico do parto e do nascimento, além das concepções de nascimento feitas pela pensadora. Pois, como podemos perceber que, falar sobre parto é também tratar sobre a *cultura da violência*, que está inerentemente associado à opressão de gênero, sexo, classe e raça, principalmente em relação as violências obstétricas. Por este motivo, em “*A filosofia do nascimento e a negligência ao parto*” trataremos a necessidade *rememorar* do porquê chegamos a essa concepção de parto humanizado na sociedade contemporânea. Para essa recordação, no capítulo dois sobre *O paradoxo histórico do parto*, retornaremos à história da obstetrícia, que é estabelecida a partir da concepção de *maiêutica*, isto é, da “*arte de fazer partos*”. Por meio disso, adentramos em bibliografias históricas para traçar a história da profissão

da parteira, que na modernidade este ofício se tornará apropriado pelos médicos obstetras. A obstetrícia, é a arte moderna de médicos obstetras, trata-se de uma profissão muito recente, que surgiu como um marco pela luta pelo poder do papel da assistência à saúde perinatal, quando se torna de domínio público. Isto é, antes o ofício da arte de partejar era estritamente feito por mulheres com experiências de parto e os partos eram feitos em espaços domiciliares, os médicos somente eram solicitados pelas parteiras para atender partos complicados. Mediante isso, quando este ofício começa a tomar lugar exclusivamente por médicos, discutiremos a consequência de emergir as “*concepções de parto*”. A fim de, elucidar qual o princípio e o porquê por meio desse fato, isto é, o surgimento da obstetrícia condiciona o surgimento da concepção de parto humanizado. A partir disso, demonstraremos como a prática da arte de fazer partos se tornou banal em relação à beleza do processo natural biológico da natureza humana, que é o ato de nascer e parir. Isto é, apesar de acreditarmos na obstetrícia que surge como forma de salvar vidas, consideramos que o nascimento se tornou sinônimo de objeto de uso e, analogamente, mercadoria.

Para isso, discutiremos os conceitos de Karl Marx na seção “*A exploração do parto e sua mercantilização*”, acerca da ideia de trabalho em *O Capital* no capítulo I *a mercadoria* e falaremos também sobre uma das suas obras, não muito conhecida, que é *Sobre o suicídio*. Pois, neste ensaio ele discute acerca da natureza da depressão e como a vida do domínio privado é um sistema opressor para as mulheres ou indivíduos sem remunerações, que tem como alicerce o patriarcado e o sistema capitalista.

Ademais, a nossa tese parte do pressuposto de que quando voltarmos a pensar nos modos e condições do parto e nascimento, surge a possibilidade de “*transformar a visão da nossa existência humana*”. Assim como, criar novos modelos de sociedades, que respeitem o ciclo biológico da natureza e do próprio trabalho reprodutivo, isto é, uma cultura que compreenda as nossas necessidades das relações e cuidados, da nossa vulnerabilidade e, dependência emocional e física. Trata-se de uma discussão cujo objetivo é estabelecer modelos de sociedades ou leis, que modifiquem nossa estrutura social, para que tenhamos taxas de mortalidades baixas e natalidades altas, ou seja, condições de vidas melhores. Visto que já existem diversos estudos que comprovam que a qualidade na assistência do parto indica menor taxas de morbimortalidade infantil. Além disso, é importante que os recém-nascidos e os idosos, todos(as) os(as) cidadãos das *pólis* possam viver uma vida efetivamente plena, saudável e feliz. Para isso, faz-se necessário procurarmos renascer nos nossos modos de vida e nascimento, de forma à buscar e compreender do porquê dos nossos processos naturais, que no parto e nascimento promovem os coquetéis do amor e de diversas substâncias hormonais que

produzem sentimentos e emoções. E, que somente podem ser experimentadas ou vividas através do corpo no parto natural e do próprio contato com a *physis* (*natureza*). E, por fim nas relações humanas.

## 1. “O PARTO” DA E NA FILOSOFIA

Neste capítulo I trataremos sobre como é abordada experiência do parto e a ideia de nascimento pela história da filosofia. Posteriormente, discutiremos alguns aspectos distintos dessa relação do devir ser “mãe” e “bebê”, seja na forma ontológica ou fisiológica. Além disso, apontaremos algumas razões acerca da negligência da experiência das parturientes<sup>1</sup> e o processo de nascimento ao longo da história ocidental. Em seguida, tentaremos de demonstrar o porquê da necessidade contemporânea de tratar a concepção de “parto humanizado” a partir de uma perspectiva da história das ideias.

Na história da filosofia, uma das primeiras menções sobre o parto e do nascimento na antiguidade encontra-se em Platão, especialmente nos diálogos, *Teeteto*, *Banquete* e *República*. Acker destaca que no *Banquete* e em *Teeteto* há duas referências importantes: o Ritual das bacantes, que honra o Deus Dionísio e as teorias platônicas, que estão associadas a *mania* e ao Deus *Eros*, dois estados da *psykhé* humana<sup>2</sup>. Segundo a pensadora, nessas teorias e cultos aos deuses mitológicos, ambas as referências “despontam valores positivos atribuídos à *mania*, à inspiração poética e ao Amor, relacionando filosofia e *trabalho de parto*” (ACKER, 2008, p.1). O nosso interesse nessas referências dos cultos e rituais ao Deus Dionisíaco está ligado exatamente a esses valores positivos, que podem se relacionar essencialmente as experiências de parturientes no ato de dar à luz, que foram abandonados ao longo da história da tradição filosófica.

A etimologia da palavra *mania* é: *loucura, entusiasmo, paixão*, associada às teorias platônicas, que tiveram influência do *dionisismo*, no qual Acker faz menção a aspectos da *erosofia socrática* ou “teoria platônica do Amor”. Ainda segundo Acker, ao

<sup>1</sup> Conforme podemos ver em Alison Stone, ser mulher é uma “condição geral e não universal. Deveríamos, portanto, falar de corpos gestacionais em vez de corpos maternos, de modo a acomodar pais trans (STONE, 2019, p.57). Ou seja, nós abordamos a experiência de parto de mulheres parturientes, mas que essas parturientes não são necessariamente uma mulher. Visto que, atualmente existem homens trans, que também podem dar à luz.

<sup>2</sup>A discussão mais aprofundada sobre o amor (*Eros*) pode ser encontrada no diálogo do *Fedro* de Platão, assim como questões relacionadas ao despertar da psiqué humana, para a memória (*mnéme*) e recordação (*anámneseis*) para se alcançar a sabedoria ou natureza do saber. Nos parece que a partir da sua intitulação sobre a “alma ser imortal”, é que Platão a partir daí o pensador consegue ter as bases para a formulação do sua própria sua arte da dialética, que tem como princípio as virtudes de uma vida plena para a condução da “alma dos mortos”, ou melhor, preparação da vida após à morte.

longo da história da filosofia, houve um impasse entre orfismo e o *dionisismo*, pois ambos possuem realidades “cultuais bem diversas”. Porém a tradição filosófica costuma compreender o orfismo como a base da estrutura do pensamento platônico, o que promove diversas contradições nas interpretações de seu *corpus* literário. Isso se deve ao fato de que a cultura grega antiga considerava a Mitologia (e a Filosofia) muito presentes em seus contextos sociais. Acker salienta que, a atribuição estrita de Platão ao orfismo vai de encontro a uma fase específica de sua vida, pois é explícita a influência dionisíaca em seu pensamento: Platão conhecia, portanto, vários traços do culto dionisíaco e, “se podemos pensar que este exerceu uma influência qualquer sobre seu pensamento, terá sido a da preocupação em contê-lo ou talvez mesmo proibi-lo, já que sem tragédias e comédias, as *Dionísias*<sup>3</sup> não existiriam” (ACKER, 2008, p. 20).

Consequentemente, encontramos resquícios da influência dos cultos dionisíacos por meio da figura socrática, que nos faz entender que há uma figura separada de Platão. Isto é, como salienta Acker, “ao enunciar a possibilidade de uma filosofia propriamente socrática, faz-se necessário reconhecer a dificuldade em separar a figura de Sócrates do platonismo” (ibid., p.17). A pensadora determina três aspectos para considerar a autenticidade do pensamento socrático: 1. **a definição da Filosofia como um trabalho de parto** (PLATÃO, Teeteto, 148e-151d apud Acker, 2008, p.17), 2. **a afirmação constante de Sócrates a respeito de sua própria ignorância** (Teeteto, 150d apud ACKER, 2008, p.17); e, 3. (...) **o reconhecimento de que seu único saber concernia ao Amor** (PLATÃO, Lysis, O Banquete, apud ACKER, 2008, p.17). Ademais, a problemática da adoção do orfismo por parte da tradição filosófica e não necessariamente de Platão está relacionada ao afastamento das mulheres, que tem como ideal a “valorização da morte e escolha do vegetarianismo”. Isto é, a abstenção dos prazeres (físicos e psicológicos) e o conforto material do modo de vida órfica é totalmente contrária no que diz respeito “a experiência vivida pelas seguidoras de Dionísio” (ACKER, 2008). Pois, as experiências que estão associadas por exemplo ao trabalho de parto, nos mostram que a vida contemplativa ascética, que se abstém dos prazeres e busca o aperfeiçoamento da vida espiritual, por consequência traz uma separação do mundo intelectual e das próprias emoções, sentidos ou sentimentos, como algo convergente.

No entanto, o que se torna relevante no trabalho de Acker é “separar a figura de

---

<sup>3</sup>As Dionísias trata-se de mulheres que cultuavam festas associadas à fertilidade em honra ao deus Dionísio, que tinham como atributos: as danças frenéticas (oreibasiá), desmembramento de um animal vivo (sparagmos) e comê-lo (o anima) cru (omofagia), com objetivo de alcançar o transe. Há indícios também de acusações, que essas mulheres se encontravam embriagadas e praticavam a lascívia (BARBARA, 2005).

Sócrates do platonismo”, pois assim nos possibilita a discussão dos cultos dionisíacos, que foram esquecidos e abolidos ao longo da história e cultura ocidental.

Por consequência entendemos o que os filósofos gregos antigos compreendiam sobre o parto, o amor, a gestação e como era a visão sobre as mulheres nesse período e sua participação social neste contexto, características essas relacionadas e que estão presentes nos cultos a Dionísio e a teoria “platônica” do Amor, conforme destaca Acker. A pensadora salienta que nas mitologias gregas encontramos a importância das experiências femininas da gravidez e do parto, que “através do estudo dos mitos ditos “de resistência”, onde assistimos à resistência ao encontro do culto dionisíaco por parte do poder político, vimos que a *mania* parece possuir uma relação estreita com a maternidade” (ACKER, 2008, p.21). Os aspectos da religião dionisíaca estão associados aos dados simbólicos que tangenciam a gravidez e o parto, e respectivamente a concepção de *mania* e o sacrifício dionisíaco (*Ibidem*, 2008). Encontramos assim, dois aspectos da *mania*, a primeira dos mitos, que tem sentido maléfico (vingança e infanticídio) e a segunda nos rituais, que é benéfico e está associada a cura, profecia etc. Por este motivo que, gostaríamos de elucidar o lado positivo da *mania*, que demonstrava que o deus Dionísio foi um profeta, um médico, assim como Sócrates que era curandeiro. Vemos assim, que Dionísio era um deus possivelmente cultuados por mulheres, porque lhe era outorgado a representação da saúde humana e fertilidade. Pois, a fertilidade humana está ligada a possibilidade de criar um ser novo, de procriar e de reproduzir, que são particularidades advindas do amor.

A teoria do amor é discutida em *Fedro*, onde Platão discute acerca da cosmologia do elogio a “Eros”, apresentada por meio de um diálogo, especificamente pelo personagem Fedro, que remete a fala de Hesíodo e Pârmênides sobre a origem da criação de Eros. Segundo Acker, nesse diálogo Platão também faz menção aos cultos dionisíacos e “se utiliza destas influências para explicar o caráter positivo atribuído à *mania*. Ora a *mania*, que está no coração da iniciação das Bacantes, parece estar ligada à origem dos oráculos de Delfos e de Dodona” (*Ibidem*, p.23). Pelo que compreendemos, os rituais das Bacantes são iniciações báquicas, que tem usos de instrumentos de tamborins e uma espécie de culto orgástico de cunho sexual. A autora acrescenta:

As Bacantes, cuja dança de possessão parece tão próxima das danças extáticas representadas sobre os selos minóicos bem como nos afrescos, parecem ter laços profundos com as funções proféticas. Imitando as Ninfas míticas, mestras na arte de facilitar o parto, as Bacantes trazem uma associação implícita entre parto e

profecia. Aliás, isto poderia explicar a razão pela qual os Gregos nos convidam a ver no enunciado oracular, *um parto pela boca* (ACKER, 2008, p. 23).

A partir desse ritual das bacantes, Acker descreve que é possível encontrar diversas práticas relacionadas ao trabalho de parto e ao estado de gravidez. As relações destas práticas neste ritual podem ser entendidas como um processo de iniciação atribuído apenas às mulheres, que está ligado estreitamente com a *mania*. Dessa forma, a dança báquica corresponde a possibilidade de um parto sem dor, que estimula o movimento do corpo praticado por mulheres. O desaparecimento desse ritual báquicos pode explicar, o que segundo Aristóteles diz sobre o “modo de vida sedentário das mulheres gregas [que] é responsável pelos sofrimentos do parto e repara que as mulheres egípcias parem mais facilmente, sem dúvida porque trabalham (De la Génération des Animaux, IV, 6, 775a 30-775b3 e Histoire des Animaux, VII, 4, 584b 6-12 *apud* ACKER, 2008, p.24). Acker ressalva que, essa “dança das Bacantes, feita de saltos e de pulos, submetia os músculos a um esforço ritmado, cadenciado pelas percussões e pode ser concebida, entre outras, como uma preparação ritual para o parto (*Ibidem*, p.24).

Dessa forma, encontramos que em *Teeteto* os discursos de Sócrates, estão relacionados aspectos ligados ao trabalho de parto, enquanto no *Banquete* há evidências dionisíacas, que está relacionada um tipo de teoria do amor. Acker aponta que, os diálogos *Teeteto* e a *Banquete* de Platão, onde no primeiro Sócrates mostra a “elaboração do pensamento filosófico [que] é comparada a uma gravidez e o trabalho filosófico, a um parto” (*Ibidem*, p.25). E, no segundo há laços da religião dionisíaca, em particular no diálogo de Sócrates com Diotima de Matinéia, onde ambos tentam discutir sobre “a questão de saber qual é o objeto do Amor para o amante das coisas belas”. A pensadora Acker apresenta que, o “modelo erótico proposto por Diotima é feminino, ele gira entorno da fecundidade, da concepção, da gravidez, do parto e da nutrição e será este o modelo que Sócrates vai finalmente adotar” (*Ibidem*, p.26). Assim, “se para o filósofo trata-se da posse das coisas belas, para Diotima trata-se da procriação e do parto na Beleza (204d-207a). Para Sócrates há “um desejo de natureza aquisitiva, a sacerdotisa opõe um desejo de natureza procriativa” (ACKER, 2008, p.25-26). Esse diálogo é o que Acker denomina como a “teoria platônica do Amor”, assim como o modelo da arte da maiêutica<sup>4</sup>

<sup>4</sup>A *maiêutica*, que significa “dar à luz”, ou seja, um conceito socrático que faz analogia a experiência de parto, é o que possibilitou o nascimento da filosofia. “O método da arte maiêutica socrática consiste em levar o interlocutor à descoberta da verdade mediante uma série de perguntas (e mediante a exposição das perplexidades a que as respostas vão dando origem). O interlocutor chega, por fim, a gerar a verdade, descobrindo-a por si mesmo e em si (como no muito citado exemplo do *Mênnon*, o escravo descobre que sabia geometria). Na ideia da maiêutica, acha-se implicada a ideia da reminiscência (VER), que se manifesta pelo

definido por Sócrates. A arte da maiêutica, é o método socrático de ensinar a buscar o conhecimento, onde ele enquanto parteiro das ideias tem a capacidade de discernir entre o verdadeiro ou falso. Para Sócrates, sua arte tinha como fundamento ajudar no “parto das ideias”, isto é, ele compara o partejar das parteiras e o trabalho de parto com sua arte da maiêutica de ajudar a dar à luz ao conhecimento. A problemática desse discurso é que Sócrates inferioriza a arte das parteiras, com sua arte de partejar ideias, apesar de conduzir o interlocutor a buscar a *espitemé* e a de *Teeteto* a parir o conhecimento. Por fim, a *aporia* como princípio filosófico sobre a origem do conhecimento, que se assemelha aos mistérios do próprio nascimento e associados ao parto se perde na tradição filosófica. Acker destaca que:

(...) parece-nos em todo caso que a elaboração de certas teorias, em particular aquelas concernindo a *maiêutica*, a *mania* e o *Amor* podem se enraizar na *mística do menadismo*. Neste caso, isto deverá nos levar a uma nova abordagem das relações entre este culto dionisíaco e as filosofias de Sócrates e de Platão, bem como do próprio papel do filósofo, dentro das cidades e no cosmos inteiro (*Ibid.*, p.27).

A partir dessas concepções relacionadas ao *menadismo*, que representa as seguidoras e adoradoras do culto de Dionísio, cabe salientar que o ponto essencial aqui exposto é que o nascimento da filosofia platônica, uma das fundamentais do ocidente, surge através de experiências associadas ao parto e à gestação. Dessa maneira, o *dionisismo*, que é um ritual ligado à maternidade e a feminilidade, começa a ser deixado de lado através de uma preocupação atrelada aos mistérios da morte e não do nascimento. A *mania* descrita como princípio ritualístico dos cultos dionisíacos, que caracteriza um estado de possessão ou loucura nos assemelha ao processo fisiológico da natureza do corpo feminino, isto é, uma volta ao estado instintivo e animal de reprodução. Afinal, é perceptível observar um comportamento indomável da mulher no trabalho de parto. Logo, concluímos que a possível Teoria platônica do Amor baseada em fontes dionisíacas foi perdida ao longo da história, com a intenção de estabelecer um

---

reconhecimento da verdade, quando se apresenta à alma. Contudo, ainda que Sócrates manifeste não possuir ele mesmo a verdade que se tratava de fazer gerar na alma do interlocutor, é certo que o interlocutor não podia assentir a ela se Sócrates não a apresentasse de algum modo. A arte da maiêutica é, pois em grande medida, a arte de fazer chegar à verdade, isto é, às evidências. Estas evidências são usualmente os “princípios” ou “as verdades eternas”. Por isso às vezes se diz que há algo da ideia maiêutica socrática na concepção agostinista tanto de um “sentido interior”, como da “razão, assim como na concepção leibiniziana do que se pode chamar “a força irresistível” das “verdades eternas”. Não obstante, essas concepções diferem da socrática, porque em Sócrates o diálogo - e mais especificamente o diálogo com um “parteiro de ideias” - é ingrediente essencial da arte (MORA, 2004, p.1833).

*poder político* em prol a uma desvalorização do corpo, principalmente os associados aos arquétipos femininos.

### 1.1 Compreendendo a obra de *Teeteto* e o "parto das ideias"

Ademais, acabamos de compreender que ao longo da história da filosofia sua linha epistemológica parte de uma importante ideia órfica, isto é, a valorização positiva da morte. Vemos que os escritos filosóficos de Platão buscaram excluir da “cidade ideal qualquer dança de caráter báquico a qual se livram Ninfas e Sátiros, no cumprimento de ritos de purificação e de iniciação” (Leis, VII, 815 c-d). Pois, a necessidade do “*filósofo em condenar a mania*”, como também em conter esses rituais ou talvez mesmo proibidos, ocorreu em função de uma motivação política. Por consequência, gerou-se uma certa repressão ao *dionisismo*. Para compreender a fundamentação dessa aderência ao orfismo por parte do filósofo, adentramos agora na fonte de sua obra *Teeteto*<sup>5</sup>. Observamos que, o princípio desta obra está fundamentado na visão de mundo de Platão, que é baseado em um projeto político, isto é, “o bem viver, não poderia estar à mercê de *opiniões voláteis* dos homens. Assim, a necessidade de uma verdade para os valores éticos, que pudesse ser buscada pelos homens, para assim poderem ter a garantia de viver uma vida plena na cidade”, está estritamente ligada à busca pela imortalidade. Por este motivo, se Platão tivesse a preocupação com o nascimento e não com a morte, o filósofo jamais poderia ter a sua solução ao paradoxo de Mênon<sup>6</sup>. O *Mênon* consiste em um diálogo aporético, isto é, não resolve a questão que se propõe a investigar, qual seja, se a virtude pode ser ensinada (IGLESIAS&RODRIGUES, 2020, p.11). Podemos encontrar Sócrates fazendo menção a aporia, que representa o estado de perplexidade ou dúvida, quando tenta distinguir a ciência da sabedoria (Platão, *Teeteto*, 2020, 145d-e), onde a primeira está relacionada a busca pela verdade e a segunda saber discernir a aparência ou percepção das coisas verdadeiras ou falsas. Isto é representado pelo seu diálogo com o personagem Teeteto, que por meio do seu método maiêutico, que relaciona aos arquétipos do ofício da parteira, demonstra um tipo de conhecimento prático, que também são relacionados à gravidez e dar à luz.

Em contrapartida, para Platão a solução ao paradoxo é satisfeita por meio de **"uma resposta adequada, para que o saber fosse, sim, possível"** (*Ibid.*, p.8). Dessa

<sup>5</sup> Tradução feita por Maura Iglésias e Fernando Rodrigues.

<sup>6</sup> É o famoso argumento de acordo com o qual o aprendizado e investigação são impossíveis: não se pode procurar saber aquilo que já se sabe (pois já se sabe, de modo que não há nenhuma necessidade de procurar), nem aquilo que não se sabe (pois não se sabe o que se deve procurar) (*Mênon* 80d5-e5 *apud* BRONSTEIN, 2010, p.108).

maneira, para ele "a alma é imortal e já nasce sabendo. Quando ela reencarna, isso que chamamos nascer, ela está esquecida. Mas é possível despertar esse conhecimento das realidades reais através de um questionamento adequado" (*Ibid.*, p.9).

Na epistemologia e ontologia do *Fédon*, as ideias transcendentais são o contraponto natural da imortalidade da alma, que contempla diretamente essas ideias quando desencarnada. Mas essa alma imortal, quando renasce em um corpo humano, vem esquecida, e o conhecimento é o processo de recuperação da memória adormecida. Conhecer é rememorar. A tese do aprendizado como rememoração, introduzida no *Mênon*, é assim reforçada e completada no *Fédon* (IGLESIAS & RODRIGUES, 2020, p.14).

Platão, em sua *teoria da anamnese* ou rememoração, tem como fundamento postular a possibilidade do conhecimento; para isso, ele afirma, mais uma vez, a imortalidade da alma e o conhecimento que ela já teve das ideias, antes de nascer em um corpo humano (*Ibid.*, p.16), mas esta fundamentação não consegue responder às questões do mundo sensível. Propõe assim Sócrates um "Argumento do futuro" ou dois tipos de apreensão, onde a:

(...) tese da percepção-ciência às últimas consequências, com o resultado de fazer aparecer um mundo sensível que, em constante mutação, aparentemente não se deixa captar por uma apreensão racional, Sócrates, ao introduzir o argumento do futuro, mostra que este mundo aparentemente irracional tem uma potência de inteligibilidade, prestando-se, como se presta, a uma previsão de fenômenos (IGLESIAS&RODRIGUES, 2020, p.24).

Nesse sentido é possível traçar que *Teeteto* ameaça a teoria platônica sobre o método da anamnese, pois é uma obra que precede o desenvolvimento de sua teoria sobre o conhecimento. Ou seja, *Teeteto* é uma obra que segundo os tradutores faz parte da fase de imaturidade de Platão, cujo objetivo era fundamentalmente político. Por este motivo, o problema apresentado nesse diálogo diz mais respeito ao mundo sensível que o mundo inteligível. Acrescentamos o comentário dos tradutores:

Ele [Platão] busca a formação da cidade ideal, aquela em que será possível ao homem realizar plenamente sua vida, isto é, conquistar a εὐδαιμονία e isso, evidentemente, se passa no sensível. Por outro lado, é também inegável que a εὐδαιμονία (**Eudaimonia**), para Platão, só é possível por meio da prática das virtudes, que, por sua vez, requer o conhecimento do que elas realmente são, e isto, para Platão, equivale ao conhecimento do inteligível. Só o inteligível para

Platão poderia ser objeto de conhecimento, pois só ele realmente é sempre o mesmo, imutável, eterno, condições indispensáveis para ser objeto do verdadeiro conhecimento. O sensível, ao contrário, é o domínio do devir, do que está sempre se tornando e jamais é. E como chegar a conhecer aquilo que já não é o que era quando se começa o processo de conhecê-lo? (IGLESIAS&RODRIGUES, 2020, p.21).

Eis aqui o elo das coisas pertencentes à gestação, ao parto e ao nascimento, pois os três processos de experiência sensível estão interligados a esse devir, que é considerado instável, mutável e irracional, isto é, tudo que Platão tenta separar da natureza do conhecimento Inteligível. Ademais, por mais irônico que seja, o discurso de Sócrates é aporético, que permite a possibilidade de um saber empírico. Ou melhor, a aporia definida por Sócrates emerge justamente a partir das experiências de parto, da sabedoria das parteiras e da própria gravidez. Uma contradição, onde "o mundo sensível emerge assim, nas discussões do *Teeteto*, como sendo também passível de um saber, e, pois, de uma inteligibilidade" (*Ibid.*, p.24).

No entanto, o ponto crucial dessa discussão está circunscrito nas passagens sobre a aprendizagem de Teeteto e a arte maiêutica (PLATÃO, 149a-150b) e sobre como Sócrates é o parteiro de almas (150c-151d), onde encontramos a relação da arte da maiêutica junto ao conhecimento das parteiras. A arte maiêutica, como os tradutores apontam, é exatamente a dialética socrática, que surpreendentemente apresenta Sócrates como um parteiro (IGLESIAS&RODRIGUES, p.25). Nesse diálogo, Sócrates descreve a maiêutica como forma de partejar as ideias dos homens. Ora, aqui encontramos novamente fortes indícios da influência dionisíaca como discutidos por Acker, que representa o trabalho de parto para tratar aspectos do trabalho filosófico. Nessa perspectiva, Sócrates assemelha o parto e a função de parteira com o seu trabalho de examinar almas e não corpos. Nessa parte, observamos a ambivalência entre corpo e alma, sendo o primeiro desvalorizado e o segundo visto como trabalho do filósofo como um aprendizado da morte (Acker, 2008, p. 17).

Ao tratar da prenhez de Teeteto e a arte maiêutica de Platão, percebemos que Sócrates faz uma alegoria entre a "função de presidir" a aporia, como é o trabalho das parteiras no parto. Sócrates menciona que a função de parteira, com sua sabedoria prática, tem o belo trabalho de discernir o verdadeiro do que não é (*Teeteto* 150b), Platão, ano, p.63). Este discernir é um dos princípios da filosofia na busca pelo conhecimento da realidade.

Posteriormente, ainda sobre a maiêutica, vemos que Sócrates relata a diferença entre partejar e engendrar, sendo o primeiro possível ser transpassado pela *educação das virtudes*, isto é, por meio do convívio social ou sabedoria prática. E, o segundo é atribuído apenas às parteiras, que tem como possibilidade de ser adquirido um conhecimento justamente porque as parteiras têm a forma fisiológica de dar à luz, que é diferente dos homens, isto é, de Sócrates, que não pode adquirir este tipo de conhecimento. Sócrates também faz menção às dores do parto e as iguala à *aporia* (151b), neste sentido, compreendemos essa metáfora com intuito de Sócrates mostrar como é que se promove a dúvida, inquietação e hesitação de algo incognoscível. Por consequência, faz o indivíduo buscar o cognoscível, que permite alcançar a sabedoria. Vemos assim, que o "engendrar" da filosofia está inerentemente transcrito através das experiências de parto, gravidez e da arte de partejar, ou melhor, "o parto das ideias". Assim, a episteme ou nascimento de uma ciência, parte dos pressupostos da percepção e da assimilação, isto é, o conhecimento sensível (sentir/sensação) também são capazes (potência) de estimular o espanto (155d) para uma atitude filosófica. Mas, se a genealogia da história da filosofia parte de pressupostos das experiências de partos e do próprio nascimento (das coisas que são aparentes), por que a filosofia foi conduzida a uma linha epistemológica da alma e não do *devoir* humano? E, essa aderência apenas baseada na ideia, que desvaloriza a mortalidade do corpo e valoriza a imortalidade da alma teve como consequência quais aspectos de valores culturais ao longo da história? Por qual motivo o nascimento atualmente é negligenciado no campo do pensamento humano?

### 1.1.2 A Filosofia do nascimento e a negligência ao parto

Em *Being Born (Birth and Philosophy)*, Alison Stone nos mostra que ao longo da história as teorias platônicas tiveram e ainda tem grandes influências sobre como a nossa sociedade trata a natalidade e a mortalidade. Stone, destaca “as opiniões de Platão destilam uma viragem mais ampla em direção à morte e à imortalidade que ocorreu na Grécia clássica e personificou uma reação contra o poder corporal materno”<sup>7</sup> (STONE, 2019, p.45). Esse poder contra o corpo materno, gerou um medo da morte e não dá nenhuma vantagem às mulheres, pois segundo Stone:

<sup>7</sup>Plato's views distil a broader turn towards death and immortality which occurred in classical Greece and embodied a reaction against maternal bodily power (STONE, 2019, p.45).

(...) a estratégia de Platão, [foi] nomeadamente postular a imortalidade da alma. O poder materno é assim ainda mais reduzido, porque nascer é agora reinterpretado como sendo apenas a queda de uma alma já existente num invólucro material, onde a alma imaterial está essencialmente fora do alcance corporal da mãe<sup>8</sup> (Ibid., p.46. Tradução nossa).

Segundo Stone, a necrofilia<sup>9</sup> foi o ponto crucial da *cultura da violência*, pois o medo da morte (necrofobia) fez com que nós a colocássemos distante dos espaços em que acontece a vida, como hospitais, hospícios, necrotério etc. Isto implica em um silenciamento da natalidade e da mortalidade humana. Por isso, não refletimos mais que a morte é inerente à nossa existência. Já a negação/rejeição dessa realidade com o advento da tecnologia, fez criarmos máquinas mortíferas de forma a representá-la.

Ressalva Stone

Jantzen fala, portanto, de uma necrofilia reprimida e rejeitada que é característica da modernidade e que (v), numa outra reviravolta, se manifesta nas “estruturas violentas e mortíferas da modernidade. . . [da] militarização, dos campos de extermínio e do genocídio à exploração, à mercantilização e à acumulação de riqueza” (2005: 5)<sup>10</sup> (STONE, 2019, p.48).

Posteriormente, encontraremos dados em Zugaib, que na Idade Média houve uma proibição da Igreja em relação aos obstetras se aproximar de gestantes, pois ato propedêutico como palpitação e toque era indecentes e agredia a moral. Esse fato promoveu uma estagnação e retrocesso na profissão médica da obstetrícia (ZUGAIB, p.17). No capítulo *The Historical Bias towards Death*, Stone destaca uma passagem acerca da visão do Cristianismo acerca do nascimento:

Para Cavarero e Jantzen, a morte esteve em primeiro plano e o nascimento foi negligenciado na história da cultura ocidental. “Todos os homens são mortais”, e não “todos os seres humanos são natais”, tem sido a ideia principal. Pode-se objetar que o Cristianismo realmente celebra o nascimento – do menino Jesus – e a vitória do renascimento sobre a morte – na Ressurreição (Ibid., p.58. Tradução

<sup>8</sup>(...) such as Plato’s strategy, namely postulating the immortality of the soul. Maternal power is thereby reduced further, because being born is now re-interpreted as being merely the fall of an already existing sou, 2019. p.46)

<sup>9</sup>Em Stone, a pensadora relaciona o surgimento desse termo a partir do foco na frase célebre de Platão sobre a imortalidade da alma, que nega a vida (corpo/matéria) e foca na morte (a preparação para uma vida eterna, a alma).

<sup>10</sup>Jantzen therefore speaks of a suppressed, disavowed necrophilia which is characteristic of modernity and which (v), in another twist, manifests itself in ‘the violent and death-dealing structures of modernity . . . [f]rom militarization, death camps and genocide to exploitation, commodification, and the accumulation of wealth’ (2005: 5).

nossa)<sup>11</sup>.

Stone nos mostra que o foco da cultura ocidental é a morte. Tal perspectiva permitiu que muitas das nossas ações e atitudes fossem moldadas pelas crenças atreladas ao mundo espiritual e material sobre ela, o que proporcionou a ideia de que a vida deveria ser a preparação pós-morte, principalmente através da concepção religiosa cristã. Assim, essa visão metafísica-religiosa desmoronou no período moderno, o que por consequência tornou a morte “indomável”. Isto é, Stone mostra que a concepção materialista, fez com que:

Nós modernos, já não habitamos o cosmos vivo e intrinsecamente significativo dos medievais, para quem o mundo era uma mãe viva, um todo orgânico e orientador da vida (...). Nós, modernos, vivemos – mais honestamente, para Camus – num mundo morto de matéria em interação causal” <sup>12</sup>(STONE, 2019, p.60. Tradução nossa).

Esta concepção parte da ideia de que o corpo é a encarnação material e a alma pertence ao reino imaterial das Formas, a partir disso o ser humano começa a compreender a natureza como algo eterno e infinito. Mas, é na modernidade que acontece o advento do antropomorfismo, que promove a submissão completa da natureza para o homem, transformando-a em uma máquina que satisfaz apenas às necessidades humanas. Além disso, como afirma Stone para “Cavarero, a filosofia, desde o seu início na Grécia antiga, afiliou-se à morte; esta filiação é fundamental para a ordem simbólica ocidental; e é motivado por uma reação patriarcal contra o poder corporal materno (*Ibid.*, p.46)<sup>13</sup>

A estruturação de uma sociedade patriarcal que se afasta da natureza, assim como do nascimento propiciou uma cultura que atribuiu valores negativos à feminilidade e à maternidade. Pois, a concepção de "ser natal significa fazer parte de uma teia de *relações*, tanto diacrônicas como sincrônicas: significa, negativamente, que o individualismo atomístico não é possível para os natais" (*Ibid.*, p.49. Nossa tradução)<sup>14</sup>.

<sup>11</sup>Cavarero and Jantzen, death has been foregrounded and birth neglected in the history of Western culture. ‘All men are mortal’, not ‘all human beings are natal’, has been the leading idea. It might be objected that Christianity actually celebrates birth—of the baby Jesus—and the victory of rebirth over death—in the Resurrection (*Ibid.*, p.58).

<sup>12</sup>We moderns no longer inhabit the living, intrinsically meaningful cosmos of the medievais, for whom the world was a living mother, an organic and lifedirecting whole (Merchant 1980). We moderns live—more honestly, for Camus—in a dead world of causally interacting matter (STONE, 2019, p.60).

<sup>13</sup>In sum, for Cavarero, philosophy has since its inception in ancient Greece affiliated itself with death; this affiliation is foundational for the Western symbolic order; and it is motivated by a patriarchal reaction against maternal bodily power (*Ibid.*, p.46).

<sup>14</sup>To be natal means to be part of a web of relationships, both diachronic and synchronic: it means, negatively, that atomistic individualism is not possible for natais (*Ibid.*, p.49).

Isto é, a natalidade mostra a natureza de nossa dependência relacional uns dos outros e, por isso, a prestação de serviços do cuidado se tornou tão significativo. Para alcançarmos a idade adulta há uma ênfase dominante na independência individual e na autossuficiência, o que, para Stone, é uma concepção equivocada. Porque, enquanto seres natais, vivemos de forma social e dependentes desta sociedade, conseqüentemente, somos vulneráveis. Isto é, “somos emocional e psicologicamente vulneráveis aos outros de inúmeras maneiras: à perda e ao sofrimento; negligência, abuso e falta de cuidado; à rejeição, ao ostracismo e à humilhação”<sup>15</sup> (como dizem Mackenzie, Rogers e Dodds; 2006: 1, apud, STONE, 2019, p. 71. Nossa tradução).

Por fim, a indagação existencial humana tomou como base central essa problemática, a da mortalidade e não a do nascimento. Stone anteriormente, argumenta que se faz necessário pensarmos em termos "correlacionais", isto é, no nascimento e na mortalidade, pois ambos fazem parte da fundamentação da existência. No mais, essa perspectiva da filósofa, onde pensamos em *uma filosofia do nascimento*, traz a possibilidades de mudanças culturais ao longo da história humana. Pois, ela e outras teóricas feministas argumentam que o foco na mortalidade, desde a tradição de Platão, estabeleceu posteriormente uma cultura da violência, principalmente relacionado ao poder, que exclui mulheres<sup>16</sup> e as condicionam às circunstâncias desumanas. A pensadora destaca que os trabalhos das teóricas feministas estão ligados a ética do cuidado, isto é, à “tendência de explorar o nascimento junto com a exploração do parto, juntamente com a experiência e a política de reprodução, gravidez, maternidade e cuidados infantis” (STONE, 2019, p.15. Nossa tradução)<sup>17</sup>. Pois, o estado particular das mulheres “não se deve principalmente à [sua] capacidade biológica para a procriação<sup>18</sup>, mas à sua posição social como presumíveis, e muitas vezes reais, [que fazem parte do trabalho reprodutivo e sucessivamente como] cuidadoras principais das crianças” (*Ibid.*, p.15)<sup>19</sup>. Stone argumenta que, por mais que pareça exagerado, a interpretação de

<sup>15</sup>These include the people we know intimately, on which personal level ‘we are emotionally and psychologically vulnerable to others in myriad ways: to loss and grief; to neglect, abuse and lack of care; to rejection, ostracism, and humiliation’ (as Mackenzie, Rogers, and Dodds put it; 2006: 1 *apud* STONE, 2019, p.71).

<sup>16</sup>No livro V em a República podemos encontrar passagens em que Platão faz menção de Sócrates, que discutem sobre o papel da mulher na pólis grega, onde há uma menção de igualdade da participação de mulheres na vida pública, cuja o seu papel na antiguidade clássica está associada a esfera privada (JESUS, p.237).

<sup>17</sup>However, in feminist reflection—as we saw from my brief account of some of its currents above—there has been a tendency to run exploration of being born together with exploration of birth-giving along with the experience and politics of reproduction, pregnancy, maternity, and childcare.

<sup>18</sup>This is not primarily because of women’s biological capacity for child-bearing but because of their social position as the presumed, and often actual, main carers for children.

<sup>19</sup>Vera Iaconelli, aponta que “ se a *genitoridade* diz respeito ao que se passa para que um novo organismo seja produzido, a *perinatalidade* diz respeito à parte de quem gesta/pare e sua relação com esse evento,

Irigaray relacionada aos "domínios político, público e cultural foram lançados contra o domínio materno" é correta, porque se "presume que os indivíduos devem deixar esse reino para trás para participar da civilização" (*Ibid*, p.26)<sup>20</sup>.

Compreendemos que Marx e Engels, nos mostram a relação entre modelo de produção e de trabalho, onde o poder do Estado está constituído por instituições que satisfazem às necessidades do mercado, ou melhor, do capitalismo, como Stone cita:

(...)os modos de produção modernos pressupõem o conhecimento científico, que faz parte da cultura em sentido lato. E as divisões do trabalho tendem a ser baseadas no gênero – por exemplo, a maioria dos prestadores de cuidados são mulheres, e considera-se que estes empregos exigem características “femininas” – de modo que também aqui as normas e expectativas culturais moldam a forma como dependemos do trabalho uns dos outros (STONE, 2019, p.91-92. Nossa tradução)<sup>21</sup>

O conceito de situacionalidade (*situatedness*)<sup>22</sup> trazido por Stone nos mostra que o contexto social em que o indivíduo nasce tem impactos relevantes em relação à construção de sua identidade, escolhas e autonomia. Sobretudo, é um conceito que descreve sobre o que o ser situado é. A situacionalidade pode ser descrita também sob o aspecto da saída do bebê do útero que é seu lar a um determinada localização ou lugar do mundo. Há indícios concretos que mulheres se sentem mais confortáveis/confiantes em ter seus trabalhos de parto dentro de seus lares, mas não são todas. Conforme aponta Michel Odent, que a palavra-chave é “privacidade”, destaca:

Dar a importância devido à palavra “privacidade” tende a reverter o condicionamento ocidental contemporâneo e apresentar uma série de novos conceitos. Para se sentir seguro, você deve se sentir protegido. Sentir-se protegida é provavelmente uma necessidade básica para a mulher em trabalho de parto e para a mulher que está dando boas-vindas ao seu

---

enquanto a *parentalidade* diz respeito aos discursos sobre o cuidado com as próximas gerações e às condições oferecidas para realizá-lo. Refere-se também a assumir-se pai ou mãe e às funções necessárias, em cada época, para que se constitua a subjetividade no filhote humano” (IACOELLI, 2023, p.100).

<sup>20</sup>This may sound exaggerated, but Irigaray’s view is that the political, public, and cultural domains have been cast against the maternal realm; it has been assumed that individuals must leave that realm behind to participate in civilization.

<sup>21</sup>For example, modern modes of production presuppose scientific knowledge, which is part of culture in the broad sense. And divisions of labour tend to be gendered—for instance, most care workers are women, and these jobs are taken to require ‘feminine’ traits—so that here, too, cultural norms and expectations shape how we depend on one another’s labour (*ibid.*, p.91-92).

<sup>22</sup>Um factor importante em relação ao qual estamos situados, desde o nascimento e posteriormente, são as **relações de poder social**. Estas incluem relações de poder de **gênero, raça, classe e posição econômica, idade e deficiência**, para mencionar apenas algumas (STONE, 2019, p.4. Tradução nossa). Em original: One important factor with respect to which we are situated, by birth and subsequently, is social power relations. These include power relations of gender, race, class and economic position, age, and disability, to mention

bebê. É importante lembrar que as primeiras obstetrias eram substitutas das mães das mulheres em trabalho de parto, e que uma mãe é, em primeiro lugar, uma pessoa que protege. Precisamos analisar nosso condicionamento cultural e redescobrir as raízes da função da parteira (ODENT, 2002, p. XXV).

Atualmente não existe uma lei que regulamenta o parto domiciliar, mas existem documentos expedidos pela Organização Mundial da Saúde e do Conselho Regional de Enfermagem, que faz orientações acerca desse tipo de parto. O parto humanizado enfatiza essa decisão ser uma escolha da mulher, desde que o local escolhido seja seguro e siga os protocolos de segurança emergenciais sugeridos pelos profissionais e locais de assistência à saúde perinatal. Assim, podemos encontrar as Diretrizes Nacionais de Assistência ao Parto e Leis Estaduais, que dispõe dos Direitos da Mulher.

Destacamos que, as experiências que os bebês e mães são submetidos no nascimento, estão condicionadas a fatores que permeiam a cultura e o meio social, localização geográfica (escolhas ou não dos lugares em que acontecem os nascimentos), redes de apoio (familiares biológicos ou não, amigos(as) etc., ...). Segundo Stone:

Dadas as ligações entre o nascimento e a situação, podemos começar a pensar mais sobre os fatores que contribuem para a situação das pessoas, considerando os fatores que normalmente constituem a situação natal de uma pessoa. Pois nossas situações subsequentes se desdobram a partir de nossas situações natais originais, que por sua vez são como são por causa dos fatores que as compõem<sup>23</sup> (STONE, 2019, p. 109).

Desta forma, acreditamos que a partir da junção das ideias de nascer e estar 'situado' desde o nascimento nas relações de poder social, é relevante considerarmos como elementos que nos afeta desde o nosso nascimento, porque nos deixa em uma situação de vulnerabilidade. Visto que, no nascimento e na infância não podemos ou não temos a possibilidade de escolher as nossas relações, nem criticá-las ou mesmo questioná-las. Por este motivo, um bebê que acabou de sair de um útero não podem expressar suas angústias, sofrimentos ou até mesmo vontades nesta fase de sua vida. Assim, sua submissão aos meios, técnicas e modelos de nascimento se tornam de

---

<sup>23</sup>Given the links between birth and situatedness, we can begin to think further about the factors that contribute to people's situations by considering the factors that typically make up a person's natal situation. For our subsequent situations unfold from our original natal ones, which in turn are as they are because of the factors that compose them (*Ibid.*, p.109).

extrema importância ser questionadas, pois conforme podemos encontrar no pensamento de Acker a saída do útero é a condição de possibilidade para experiências e as experiências são que envolve o indivíduo psicológico, sua personalidade e seus 'eus' no mundo. A era capitalista, que promove a indústria do parto estabelece impactos no psicológico da parturiente, no nascituro e no próprio bebê que acabou de vir ao mundo como podemos observar nas hipóteses levantada por Michel Odent (2002). Isto é, o médico obstetra a partir de suas experiências de atendimento de mulheres em trabalho de partos constatou que o ambiente eletrônico faz com que haja um aumento geral dos índices de intervenções.

Presumimos assim que em nossa época, um período da era "industrial mercantil" – além do uso excessivo de tecnologias no parto, há uma produção em série de partos ou práticas obstétricas desnecessárias, isto é, a aceleração do parto ou da vida em prol do interesse capital. Outro fator, é a cultura do medo recorrente, apropriado pelo capitalismo, que transmitiu um medo às mulheres em relação ao parto, criando durante a gestação vários estigmas sobre o momento específico do parto, como forma de vender a cesária como o meio mais seguro e sem sofrimento. Esses estigmas condicionam interpretações da incapacidade de ser possível um parto espontâneo e natural, que geralmente influenciam em suas escolhas, como o tipo de parto que ela pretende vivenciar, transgredindo a concepção de autonomia, livre-arbítrio e a sua liberdade em relação as vontades e desejos dessa mulher. E, conseqüentemente estabelece uma submissão voluntária de seu corpo à violência obstétrica<sup>24</sup>. Parece-nos, que a negligência com relação ao nascimento na história da filosofia, pode ser transferida ao processo do ato do próprio nascimento ou o "parto", isto é, a naturalização de violências obstétricas<sup>25</sup> até a nossa atualidade parte justamente de crenças que foram estabelecidas ao longo da história. É a partir disso, que surge na nossa contemporaneidade a concepção da ideia de parto humanizado.

---

<sup>24</sup>A expressão "violência obstétrica" foi usada pela primeira vez pelo médico Rogelio Pérez D'Gregorio, presidente da Sociedade de Obstetrícia e Ginecologia da Venezuela, e se baseia na crítica ao modelo de assistência ao parto hegemônico — e não apenas na crítica a ações violentas episódicas — e na defesa dos direitos reprodutivos femininos (IACONELLI, 2023, p.142).

<sup>25</sup>Algumas violências obstétricas são: *amniotomia* (a ruptura artificial das membranas amnióticas) sem indicativo de bolsa rota ou com a intenção de acelerar o parto; a *episiotomia*, que é uma incisão efetuada na região do períneo para ampliar o canal de parto, feita de forma equivocada como forma de acelerar a dilatação para saída do bebê; raspagem dos pelos pubianos; impor a *litotomia* e impossibilitar intencionalmente a movimentação da mulher durante o trabalho de parto (à exceção da cesárea, que é um procedimento necessário); mito da circular do cordão; que o parto pélvico é impossível ou indicativo de cesárea; desencorajar a mulher na sua escolha de parto; comentários ofensivos, constrangimentos, tratamento vexatórios e humilhantes ou que viola a dignidade da parturiente; medicalização sem o consentimento da gestante; diagnósticos baseados em crenças no pré-natal; entre outras.

## 2. O PARADOXO HISTÓRICO DO PARTO

### 2.1 O nascer e a Filosofia

Como podemos ver, na história do pensamento ocidental, a tradição filosófica privilegiou a morte em detrimento do *corpo que gesta, pela capacidade de parir*. Em sua filosofia sobre o nascimento, Alison Stone destaca que, até a nossa atualidade, as teorias feministas ainda ofuscam o ser nascido, pois geralmente há um foco estritamente na “experiência e na política do parto e, no corpo materno”<sup>26</sup> (STONE, 2019, p.1. Nossa tradução). O objetivo de Stone é discutir a concepção do *ser natal*, que é permeada pelo paradigma sobre “como é isso do porquê nascemos?”. Stone salienta que, quando damos a devida importância à ideia de nascimento<sup>27</sup>, surge a possibilidade de transformar a visão da existência humana. A partir disso, acreditamos que, a concepção de *parto humanizado*, instituída na contemporaneidade, está interligada à crítica de Stone sobre como é abordado o nascimento. Assim destacamos os pressupostos que a pensadora defende para elaborar a inclusão da ideia de natalidade nas teorias filosóficas para efetivar uma transformação ética e existencial. Stone defende a seguinte indagação “em que consiste nascer?”, pela qual destaca:

Para um ser humano, nascer é (i) começar a existir num determinado momento, (ii) vir ao mundo com e como um corpo específico, e em um determinado lugar, conjunto de relações e situação na sociedade, na cultura e na história, ao mesmo tempo que (iii) o faz através da concepção, da gestação e da saída do útero. Historicamente, quase sempre isso foi o útero materno, embora isto esteja mudando com o aumento da gravidez transgênero e a situação está se tornando complicada<sup>28</sup>

<sup>26</sup>But even here attention to being born has often been overshadowed by a focus on the experience and politics of giving birth and the maternal body (STONE, 2019, p.1).

<sup>27</sup>Nascimento, parto, nascer e natalidade, nos parece que são concepções sinônimas na língua inglesa, mas propriamente a autora destaca que utilizará tais termos como semelhantes, conforme p.1, §2 da *Introdução*.

<sup>28</sup>Salientamos aspectos que Stone destaca sobre os pontos negativos da tecnologia, que implicam na nossa forma de lidar necrofilia, por meio da negação da morte. Mas, acreditamos que em casos específicos a tecnologia (TAR- Tecnologias de Reproduções Assistidas) pode cooperar para a melhoria de condições humanas, como por exemplo, a possibilidade de famílias trans, lésbicas, queer, gays e etc., ajudar a concretizar o desejo ser mãe de mulheres que não conseguem engravidar, a questão da infertilidade, e, assim por diante. Criticamos a tecnologia como forma de controle patriarcal da sexualidade humana. Stone, ressalva: (iii) A necrofobia motiva-nos a encontrar formas de escapar da morte para a imortalidade e a rebaixar a vida mortal e secular em favor de um reino eterno livre de mudança, morte e perda. Daí a metafísica platônico-cristã, nada menos que a recente ambição de tornar a humanidade imortal por meios tecnológicos. Em original: (iii) Necrophobia motivates us to find ways to escape from death into immortality, and to downgrade mortal and secular life in favour of an eternal realm free of change, death, and loss. Hence Platonic– Christian metaphysics, no less than the recent ambition to make humankind immortal by technological means (STONE, 2019, p.47).

pelas novas tecnologias e práticas reprodutivas, como barriga de aluguel<sup>29</sup> (STONE, 2019, p.1-2. Nossa tradução).

Consideramos em Stone sobre a questão *do parto* e o fato de nascimento, a partir de sua abordagem sobre a condição humana, que está relacionada aos conceitos de vulnerabilidade, dependência, inserção nas relações de poder, situacionalidade, historicidade e relacionalidade. Acredito que estes conceitos estão intrinsecamente ligados à nova concepção do parto humanizado. Pois, a nossa sociedade contemporânea negligência o corpo materno e do bebê e, assim, as condições e os modos próprio nascimento. Esse fato negligente é resultado de uma sociedade patriarcal, que possui uma natureza opressora e violenta. Logo, há uma exploração do próprio ato de nascer, que é a própria experiência de parto. Ressaltamos que, a sobrevivência dos indivíduos humanos está relacionada a sua capacidade de organização social, isto é, é uma condição própria da natureza humana ter a necessidade de criar redes de relações por conta da sua dependência neonatal. Percebemos que essa característica de sujeição essencialmente quando surge na infância ou na fase idosa, dois tempos relacionados à concepção de nascimento e morte, nos faz sentir e ser emocionalmente vulneráveis<sup>30</sup>. Isto é, quando ficamos doentes ou necessitamos de cuidados geramos uma relação de dependência totalmente contrária à concepção filosófica da modernidade referente às ideias de autonomia, emancipação, racionalidade e autossuficiência do indivíduo. Por este motivo, para conseguirmos tratar da concepção de *parto humanizado*, em contraste com a exploração do parto e do nascimento, retomaremos o desenvolvimento histórico da ideia de parto na filosofia, mas trataremos o nascimento como um *processo relacional*, onde acreditamos que o corpo materno e o bebê estão conectados desde a vida intrauterina até ex-uterina. Por consequência essa primeira relação é significativa, pois como Stone aponta “*nossos primeiros relacionamentos fornecem o modelo para os subsequentes*”. Essa geração de novos relacionamentos em outras fases da vida humana do *ser* nascido, é um fator que constitui a cultura. Acrescenta:

Para Marx, numa reação crítica contra Hegel, o que acima de tudo molda o modo

<sup>29</sup>For a human being, to be born is (i) to begin to exist at a certain point in time, by (ii) coming into the world with and as a specific body, and in a given place, set of relationships, and situation in society, culture, and history, while (iii) doing so by way of being conceived and gestated in and then exiting from the womb. Historically, this has almost always been the maternal womb, although this is changing with the rise of transgender pregnancies and it is becoming complicated by new reproductive technologies and practices such as surrogacy.

<sup>30</sup>Stone diferencia duas concepções de vulnerabilidade, a inerente a natureza humana, que é ligada a ideia de espécies altriciais e a de situacionalidade, que é que advém da nossa condição social, precariedade, violência, poder, miséria etc. O conceito de altricialidade descreve as espécies que dependem dos pais ou de adultos para o seu completo desenvolvimento.

de vida de qualquer comunidade são as relações sociais que organizam a sua produção material dos meios de subsistência dos seus membros: as relações sociais em que os indivíduos produzem, as relações sociais de produção. . . em sua totalidade formam o que chamamos de relações sociais, a sociedade e, especificamente, uma sociedade em um estágio histórico definido de desenvolvimento, uma sociedade com um caráter distintivo e diferenciador<sup>31</sup>. (Marx apud STONE, 2019, p.99. Nossa tradução).

Por meio disso, buscamos compreender a necessidade de formular uma reflexão filosófica acerca do *renascimento do parto*<sup>32</sup>, que surge como forma de repensar as práticas e intervenções médicas baseadas em *crenças* ao longo da história do nascimento. A ideia é ampliar as concepções filosóficas de Alison Stone em vista do *nascimento em si* para uma transformação cultural e do bem-estar social de todos os indivíduos. Pois, acreditamos que a primeira experiência do bebê está conectada à concepção de situacionalidade de Stone, que corresponde aos nossos primeiros relacionamentos, que moldam a natureza emocional. E, conseqüentemente, a vulnerabilidade física inerente da primeira infância, que implicará através dos cuidados que recebemos nesse período. Esses cuidados resultarão nas ações e comportamentos humanos durante a sua construção psicológica emocional, que por convergência influenciarão a forma das relações humanas, quando o indivíduo se situar no mundo social. Mas, sabemos que quando tratamos dessa concepção de nascimento, encontramos na nossa sociedade, um assunto controverso muito presente, que é a ética da profissão da obstetrícia. Pois, as mulheres vivem estas experiências diariamente no Brasil e no mundo, o dilema da violência obstétrica. O desafio na modernidade para o nascimento está em como podemos compreender melhor a relação entre o nascer e o parir e, como a concepção do *modo de nascer* molda as relações sociais e a estrutura do nosso pensamento.

Por fim, concluímos nesta seção que o parto conforma-se um paradoxo histórico, pois os princípios da profissão obstétrica deveriam nortear o bem-estar da mãe e do bebê, mas o resultado são ações dirigidas pelas leis do lucro. Pudemos ver que, a própria arte da maiêutica consiste na busca pelo questionamento e na dúvida constante para conseguir discernir as coisas verdadeiras das coisas falsas. Mas, percebemos que muitas das experiências negativas, que as parturientes vivem em ambientes de assistência à saúde

---

<sup>31</sup>Tradução Nossa. Em original: The social relations in which individuals produce, the social relations of production . . . in their totality form what we call social relations, society, and specifically a society at a definite historical stage of development, a society with a distinctive, differentiating character. (Marx [1849/1891] 2017: 25)

<sup>32</sup>Este conceito refere-se ao livro *O Renascimento do Parto e do Amor* do médico francês Michel Odent e a um documentário brasileiro, com o mesmo título “O Renascimento do Parto”, lançado em 2013, dirigido por Eduardo Chauvet.

estão associadas as crenças médicas. Afinal, eles não buscam indagar se suas convicções são efetivamente verdadeiras, como a própria concepção de maiêutica que é dar à luz ao conhecimento? Visto que, essas falsas convicções impactam de forma determinante na condição física, emocional e psicológica da vida de gestante e do próprio bebê. Para melhor retratar, explicaremos que as condutas da profissão obstétrica implicam diretamente na vida das parturientes e dos futuros seres gestados. Pois, a obstetrícia é compreendida como uma especialidade médica que tem como finalidade o cuidado das gestantes. Por este motivo, seguimos para compreender melhor como surge o pluralismo acerca das concepções de parto. Isto é, porque hoje temos que falar de duas concepções de parto, dado que pudemos obter uma sabedoria prática, que vai além do próprio ato de parir uma criatura, pois o ato de engendrar ou conceber algo através da dúvida é uma característica essencial do entendimento humano para adquirir conhecimento.

### 3. A “arte de fazer partos”

A base referencial conceitual e histórica da profissão de assistência à mulher no parto, pela ótica da medicina no Brasil, pode ser encontrada em *Obstetrícia* de Marcelo Zugaib. Este trabalho desenvolveu estudos de todas as fases da formação do novo indivíduo, que nascerá e constitui-se atualmente no mais respeitado manual sobre o assunto. Acreditamos que essas investigações foram e são essencialmente importantes para uma ciência baseada em evidências e, por consequência, uma concepção do nascimento, que une tecnologia e relações humanas. Isto é, desde o ciclo gravídico-puerperal: a gestação, o recém-nascido, o parto e o pós-parto da mãe e, a infância e a idade adulta, são processos fundamentais para desenvolvimento individual humano. Zugaib, professor da Universidade de São Paulo, organizou os estudos científicos acerca da Clínica Obstétrica entre os séculos XIX e XX. Esses estudos têm como objetivo desenvolver uma base teórica para a Clínica Obstétrica, para um conhecimento profundo da fisiologia do estado gravídico, das doenças clínicas e obstétricas para a condução correta do atendimento pré-natal, parto e nascimento. Assim, destaca Zugaib:

(...) o termo "obstetrícia" deriva da palavra latina *obstetrix*, originária do verbo *obstare* {"ficar ao lado' ou "em face de"}, e significa "a mulher que está ao lado assistindo a parturiente". São sinônimos de obstetrícia a *tocologia*, do grego *tokos* {"parto"} e *logos* {"teoria' ou 'tratado"}, e a maiêutica, do grego *maieutikós* ('que se refere ao parto'), sendo a raiz *maia* referente a parteira, ama ou avó. Dessa maneira, durante muito tempo, a obstetrícia foi tida e vista, por leigos, médicos e até

alguns profissionais da especialidade, como sinônimo de "arte de fazer partos", exigindo do tocólogo apenas o conhecimento das técnicas extrativas complexas e delicadas (ZUGAIB, 2016, p.20).

Dessa forma, Zugaib aponta que a concepção de “obstetrícia deve ser considerada uma especialidade médica eminentemente clínica, com *término cirúrgico*, que se ocupa com os períodos pré concepcional e gestacional, com o parto e com o puerpério” (*Ibid*.p.20). Assim, o trabalho de Zugaib é relevante para traçarmos o contexto histórico entre os fatos que sucederam o nascimento da obstetrícia e a forma de como essa profissão hoje tem um desafio em relação ao parto. Pois, a exploração médico-paciente se dá através do aumento do número de cesáreas, por questões econômicas. De qualquer forma, Zugaib critica a medicina defensiva, mas não se aprofunda sobre as práticas desnecessárias que, associadas ao trabalho médico remunerado por procedimentos num contexto capitalista, impactam de forma concreta as vidas das gestantes/parturientes, do feto/bebê e do parto/nascimento.

Em *Evolução histórica da obstetrícia*, Zugaib nos mostra que a origem da profissão de obstetra está intrinsecamente ligada às intervenções médicas (geralmente, sexo masculino), que tem como finalidade salvar a vida da mulher e/ou do bebê em situações de riscos à vida. Outro ponto relevante, é que Zugaib reconhece que antes da existência da obstetrícia, em diversas culturas, quem exercia a função de acompanhar e prestar assistência a mulher em trabalho de parto eram geralmente parteiras ou mulheres com experiências, que ele denominava como leigas. Destaca que:

Segundo Eastman (apud Rezende)", o termo *midwifery* utilizado com o mesmo significado de *obstetrics* foi adotado de 1483 até fins do século XIX. Essa palavra advém de *mid*, que significa “com”, e *wife*, "esposa"; portanto, "com a esposa". Já *midwife* é um termo mais antigo, conhecido desde 1303, e significa "parteira". O vocábulo grego *maia*, de igual significado designado por Hipócrates para médicos contemporâneos, correspondia ao indivíduo solicitado para resolver os casos mais complicados. Da mesma forma, os Chamberlen, inventores do fórcepe, foram conhecidos como *man-midwives*, termo que traduz "médico (figura masculina) com função de assistente do parto" (ZUGAIB, 2016, p.14).

No decorrer dos períodos históricos traçados por Zugaib sobre a história da obstetrícia, podemos perceber que essa profissão é muito recente comparada a história do parto e da arte de fazer parto por parteiras, que são muitas vezes denominadas como “tradicionais” ou “leigas”. Por outro lado, Zugaib também escreve sobre as pessoas que defendem o parto natural ou sem intervenções como é o caso do *conservador e naturalista*

Lukas Bôer (1751 -1835). Com formação na França e na Inglaterra, Lukas defende o parto sem intervenção (*Ibid.*, p.20). Parece-nos que, apesar de Zugaib criticar o sistema laboral da obstetrícia, como por exemplo, quando ressalta pontos importantes sobre o aumento de intervenções desnecessárias, como resultado da sobrecarga de trabalho do médico obstetra, disposição/disponibilidade de tempo e a insalubridade de deslocamento do profissional, ainda assim percebemos apenas o ponto de vista do profissional obstetra. E, apesar de ele ter a concepção sobre o aumento de cesáreas e intervenções desnecessárias, parece-nos que Zugaib ainda não tem uma visão concreta acerca do que realmente é necessário na *bioética do parto*<sup>33</sup>, sob a perspectiva relacional humana entre gestante e o obstetra.

Ademais, concluímos que desde a antiguidade até a nossa modernidade a presença do sexo masculino na ciência médica é predominante. Por este motivo, quando os homens começam a querer ter o domínio sobre a arte do parto, parece-nos que esse interesse surge com a criação dos equipamentos hospitalares e tecnológicos para auxiliar o ato de nascer. Zugaib acrescenta:

Apesar de ser uma profissão eminentemente masculina, destaca-se à época a francesa Marie-Louise La Chapelle (1769-1821), filha de Marie Dugès, cirurgiã. Embora não tenha sido grande devota do fórcepe, a manobra de volteio para a locação da segunda colher ganhou o seu nome, com registro na publicação de seu sobrinho, Antoine Dugès. Além disso, recomendou a dilatação total do colo como condição tanto de aplicabilidade do fórcepe quanto da realização de versão interna (ZUGAIB, 2016, p.20).

Assim, a época em que se tem registro de médicas consideradas parteiras é a partir do Séc. XVII, configurando o quarto período da história da obstetrícia<sup>34</sup>. O interessante é que em todo o decorrer da descrição da história da obstetrícia feita por Zugaib, observamos que muitos dos procedimentos de intervenções eram vistas com embate entre médicos e parteiras, pois possivelmente havia o uso excessivo desnecessário dessas práticas, que levava à morte de muitas mulheres e bebês. Segundo dados feito por Zugaib com o surgimento da antissepsia e a anestesia, no quarto período da história obstetrícia, foi o que promoveu a maior aderência à cesárea. Este embate parece-nos que surge quando há uma luta pelo poder do ofício, pois desde a antiguidade até a modernidade o profissional obstetra

<sup>33</sup>Tratamos desse conceito a partir da perspectiva feminista que surge a partir da segunda onda do sufrágio, que insere reflexões acerca das políticas de reprodução, negligências médicas e “anomalias” acerca da fisiologia feminina, etc. Para saber mais, acesse: <<https://plato.stanford.edu/entries/feminist-bioethics/>>.

<sup>34</sup>Como forma de ilustrar e ressaltar resumidamente os elementos importantes de cada período histórico na história da obstetrícia por Zugaib, elaboramos um quadro sintético, correspondente ao ANEXO I deste

era solicitado pela parteira, apenas em casos complicados. Em vista disso, destacamos que o marco essencial da profissão médica da obstetrícia está inerente interligada às intervenções médicas, assim como a invenção do fórceps (entre o séc. XVI e XI) e outras descobertas da embriotomia<sup>35</sup>. Um ponto relevante é que acreditamos na medicina que salva vidas, mas desacreditamos no que se baseia na concepção enigmática de mortalidade da tradição do pensamento filosófico e do próprio nascimento das “ciências”. Compreendemos que, a evolução dos estudos da perinatalidade promoveu a possibilidade de salvar vidas de mulheres e recém-nascidos em situações de grave risco de vida. Mas, o nosso ponto de inflexão desta discussão parte essencialmente da necessidade contemporânea em discutir sobre o mal uso de tecnologias a serviço de interesses financeiros e pessoais de setores privados ligados à saúde. Julgamos que, a maioria desses interesses estão intimamente ligados ao sistema socioeconômico do Brasil e do mundo, ou melhor, do próprio capitalismo.

Conforme vimos, o manual médico de Zugaib, que percorre diversos registros históricos do desenvolvimento dos estudos da obstetrícia nas Escolas de Medicina, seja da Inglaterra, Holanda, Itália, França, Estados Unidos, Roma, Egito, Grécia, e, entre diversas regiões e países da Europa, são muitos recentes comparado ao ofício das parteiras, assim como este manual que é a base de referência na formação de médicos obstétricos, difundido pela Universidade de São Paulo.

Vale lembrar, que o paradoxo histórico do parto está relacionado sobre como a ciência médica se coloca em relação à história da profissão das parteiras. Pois, desde o início da história da espécie humana, foram as parteiras e as ditas “mulheres leigas”, que exerciam a assistência necessária ao parto, um tipo de conhecimento empírico ou sabedoria prática, que transpassa de geração para geração. Nos parece que, novamente encontramos um apagamento histórico acerca da sabedoria do corpo, intuição e fisiologia do gênero feminino. Mais uma vez, nos deparamos com um marco histórico, que desde a antiguidade e o início da modernidade, fundamenta-se em um pensamento epistêmico de uma ciência, isto é, da obstetrícia, que se concentra nas ideias patriarcais acerca da mortalidade e não da natalidade. Há uma necessidade de atender a valorização do medo da morte, onde o próprio ato do nascimento é transformado em uma base de enaltecimento do poder do homem e seu domínio da natureza. Esse fato estabelece uma certa indiferença

---

<sup>35</sup>Na primeira metade do século 19, a maioria dos médicos lançava mão da cesárea em casos de obstrução durante o trabalho de parto. Quase sempre, o procedimento resultava na morte da gestante, por infecção. Após posicionamento da Academia Francesa de Medicina, de 1852, em defesa da preservação da vida materna, os médicos passaram a cada vez mais adotar a embriotomia, procedimento extremamente violento e invasivo, que sacrificava o feto, vivo ou morto, na tentativa de salvar a mãe. Para saber mais o histórico sobre a passagem da embriotomia para as cesáreas, acesse: <<https://agencia.fiocruz.br/estudo-aborda-processo-historico-que-levou-disseminacao-do-parto-cirurgico>>.

da atividade obstétrica na “arte de fazer parto”, que por consequência estabelece uma apatia nas relações estabelecidas nas experiências de parto e nascimento, assim como a naturalização da própria violência.

### 3. 1 Os três tipos de parto e o parto humanizado

Na última seção discutimos acerca do parto convencional, que marca a profissão de obstetrícia, agora trataremos sobre qual é a perspectiva do parto humanizado, em relação aos três tipos de parto: parto normal, natural e cesárea.

A experiência do nascimento de um ser, quando conduzida de forma adequada é transformadora para todos, seja para a nova mãe, novo pai, para o recém-nascido<sup>36</sup>, para os acompanhantes e profissionais ali presentes. Portanto, o que vivemos atualmente na história da obstetrícia é totalmente contraditório à necessidade específica das mulheres parturientes. Pois, não há um apreçamento e uma assistência efetiva do parto. A arte de fazer parto nesse campo se torna apenas uma ação técnica, que parece-nos um subterfúgio, um fenômeno que parece-nos plausível ser explicado por meio desse certo afastamento do medo. Esse medo, é explicado e justificado pela *hipótese* de se pensar na possibilidade da morte. Além do mais, o uso de equipamentos hospitalares e tecnológicos perpetua-se por meio de crenças e estereótipos dentro de uma ciência *baseada em ideias retrógradas e mais sobre teorias do que evidências científicas* (ODENT, 2002, p.XI). Isto é, a tecnologia associada à conduta profissional da obstetrícia estabelece *mitos* em relação aos diagnósticos de riscos na gestação, com a finalidade de influenciar a decisão do tipo de parto da escolha da mulher.

Destacamos, três tipos de partos: 1. o *parto natural*; 2. o *parto normal*; 3. a *cesárea clássica*. O parto natural é o que acontece sem nenhum tipo de intervenção obstétrica, ele

---

<sup>36</sup>A ideia de família não se restringe especificamente a esses papéis sociais, mas há outras concepções de famílias. Como salienta Stone, (...) nas famílias lésbicas, uma criança tem duas mães – qualquer uma das quais pode ou não ser a mãe gestacional ou genética. Além disso, uma mãe em qualquer um destes sentidos não é necessariamente a principal cuidadora da criança; no passado e hoje, existem inúmeras formas de distribuir o cuidado das crianças. Os cuidados infantis podem vir, entre outros, de amas de leite, babás, funcionários remunerados de creches, irmãos mais velhos, avós e “outras mães” – “mulheres que ajudam mães de sangue compartilhando responsabilidades maternas” (Hill Collins 1990: cap. 8 apud STONE, 2019, p.56). Os cuidados infantis também podem provir dos homens, incluindo os pais – que, mais uma vez, podem ser pais em qualquer um dos vários sentidos (social, legal, genético). Assim, compactada na figura da “mãe” está uma pluralidade de funções que podem se desmembrar – ovulação, gestação, parto, amamentação, cuidado dos filhos (*Ibid.*, p. 56). Em original: In lesbian families, a child has two mothers—either of whom may or may not be the gestational or genetic mother. Moreover, a mother in any of these senses is not necessarily a child’s main care-giver; in the past and today, there are numerous ways of distributing the care of children. Childcare can come from, amongst others, wet-nurses, nannies, paid nursery staff, older siblings, grandmothers, and ‘other-mothers’— ‘women who assist bloodmothers by sharing mothering responsibilities’ (Hill Collins 1990: Ch. 8). Childcare can also come from men, including fathers—who, again, may be fathers in any of several senses (social, legal, genetic). Thus, compacted in the figure of ‘the mother’ is a plurality of functions that can come apart—ovulation, gestation, birth-giving, breast-feeding, child-caring (*Ibid.*, p.56)

acontece de acordo com a fisiologia humana da mulher, via-vaginal. No parto normal, há intervenções médicas necessárias para conseguir a extração, ou melhor, a saída do bebê, mas também via-vaginal. A cesárea clássica, é um parto que acontece por meio de procedimentos cirúrgicos por um corte no abdômen, isto é, via abdominal. Ademais, em síntese existem as fases clínicas do parto, que são divididas em três períodos como dilatação (contrações dolorosas para modificação da cérvix, para permitir a passagem fetal), expulsão (saída do bebê ou feto do útero) e dequitação (saída natural da placenta e membranas) conforme descrito por Zugaib (2016).

Em vista disso, destacamos o porquê, atualmente, precisamos falar sobre a concepção de parto humanizado. Fato que, este último, trata-se de um conceito que abarca os três tipos de partos, mas acontece essencialmente por via da liberdade de escolha autônoma da mulher e das condições necessárias, que implicam a segurança do ato de parir e melhores condições do nascimento do bebê. Mas então, em que consiste o parto humanizado? O termo parto humanizado parte da “crença no potencial instintivo do ser humano e na capacidade inata que as mulheres têm em dar à luz” (ODENT, 2002, p.125). Dessa forma, no parto natural ou normal as mulheres dão à luz na posição de cócoras ou na posição que sentirem mais confortáveis, têm um ambiente como desejam e sentem mais seguras (com luz ou sem luz, com determinados cheiros, domiciliar ou hospitalar, na água ou não), que respeita suas crenças religiosas e espiritualidade, gostos musicais, privacidade e sexualidade, etc. Logo, a cesárea é vista como uma necessidade e não é feita de forma banal, ainda assim podemos falar atualmente em uma cesárea humanizada. A cesárea humanizada, respeita o contato imediato pele a pele do bebê com a mãe, a luz ambiente, o ritual preparatório da mulher para esse momento e a própria escolha da mulher em optar por esse procedimento.

O parto humanizado é o que respeita o tempo biológico da mulher e do ser que virá ao mundo, além da liberdade e escolhas da forma de dar à luz pela mulher, com diagnósticos baseados em ciência e não em meras crenças para induzir a mulher optar pelo procedimento cirúrgico. A função do obstetra atualmente, é orientar e acompanhar de forma a fornecer informações verídicas, éticas e que promova a saúde e o bem-estar do bebê e da mãe. Desta forma, o respeito ao processo biológico da mulher e do bebê é de suma importância, que pode evitar a depressão pós-parto e promover saúde do bebê através da amamentação, essas informações podem ser encontradas detalhadamente em O Renascimento do Parto de Odent e em diversos documentos oficiais da Organização Mundial da Saúde e dos Programas promovidos pelo Ministério da Saúde do Brasil. Visto que, é comprovado e baseado em evidências os benefícios dos ciclos naturais de cada momento do nascimento, como por exemplos a fisiologia química e biológica de cada fase

no próprio trabalho de parto. Apesar de ainda não se ter um conhecimento preciso do mecanismo de início de trabalho de parto, mas a ocitocina (um hormônio que produz sensações relacionadas ao amor e prazer) por exemplo, é um elemento bioquímico correspondente a uma das teorias do determinismo do parto (ZUGAIB, 2016). Além disso, esperar o fim da pulsão do cordão umbilical, a necessidade do primeiro contato físico da mãe e do bebê, luzes fracas para adaptação transitória, avaliações dos sinais vitais e procedimentos pré-natais baseados em evidências, como vacinação contra Hepatite B e BCG, amamentação, entre outros cuidados, mostra uma resposta positiva no vínculo entre a relação da mãe e bebê e saúde de ambos.

### 3.2 A exploração do parto e sua mercantilização

Vale lembrar que, a introdução de tecnologias no parto e o excesso de medicalização “na prática obstétrica” tornaram-se sinônimos de exploração e mercantilização para o processo de parto e do nascimento. Os corpos femininos e os seres gestados se tornam, por consequência, um produto útil para a produção de capital. Por essa razão, observamos que a supervalorização tecnológica na história da obstetrícia afetou diretamente o ofício da obstetrícia e sua relação com a parturiente. Pois, a arte da parteira ou da obstetrícia tem a fundamentação no cuidado, de "estar ao lado", acompanhar, orientar e prestar cuidados à mulher que dá à luz, uma relação mais humana. Portanto, a concepção de obstetrícia na nossa sociedade moderna se apresenta como um conceito trivial. Parece-nos que, a partir disso, surge a profissão de doula, que resgata essa necessidade da mulher, que está dando à luz, de ter um acompanhamento e uma presença feminina. Supostamente, essa figura estabelece o campo afetivo, psíquico e de ancestralidade<sup>37</sup> da experiência de parto. Além disso, acreditamos que a figura representativa feminina, de uma parente ou mãe, faz uma diferença importante para o processo de parto da mulher, pois estimula a autoconfiança e a rememoração de que outras mulheres também tiveram essa experiência, que é natural e inata da natureza feminina. Dessa maneira, o papel de acompanhante<sup>38</sup> da doula no trabalho de parto, seja em estabelecimentos hospitalares, maternidades e casas de partos, seja em redes públicas ou

<sup>37</sup>Segundo Zugaib (...) estudos antropológicos do século passado em tribos primitivas relatam a presença da figura da mãe (ou outra parente do sexo feminino). Além disso, figuras pré-históricas e desenhos egípcios antigos demonstram mulheres em parturição, sentadas ou de cócoras, e no Velho Testamento são relatados assentos de parturição e parteiras (ZUGAIB, 2016, p.13).

<sup>38</sup>No Brasil temos a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, para garantir às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de

privadas e no próprio domicílio, tem como princípio prestar apoio emocional e físico para as parturientes durante a gestação, no parto e pós-parto <sup>39</sup>, além de orientar e gerar segurança para seguir o plano de parto<sup>40</sup> da gestante. O termo doula vem do grego e significa "mulher que serve". A primeira a popularizar esse termo foi Dana Raphael no livro *The Tender Gift: Breastfeeding*<sup>41</sup> em 1973. A profissão de doula surge exatamente para estabelecer o fortalecimento do movimento da humanização do parto e no cuidado para prevenir as intervenções desnecessárias. Ademais, é importante salientar que este profissional não exerce a função de dar assistência clínica à parturiente. A retomada da compreensão do estado psíquico feminino nessa experiência é de suma importância, pois a *mania* é presente na experiência das dores do parto, além do mais o estado vulnerável do corpo feminino na experiência de parto, é o que condiciona a possibilidade de sofrer menos danos ou não. Acreditamos que, é necessário um ambiente acolhedor para não inibir o processo involuntário natural do corpo feminino no processo de nascimento, pois no puerpério emocional é muito propício a condição denominada como *baby blues*, isto é, a depressão pós-parto.

Em *Sobre o suicídio* de Karl Marx, o filósofo alemão mostra que, a questão social do suicídio ligada à depressão está associada a uma sociedade patriarcal, assim como a opressão das mulheres nas sociedades modernas. Neste ensaio, podemos refletir sobre como o domínio masculino toma o poder em relação a esfera da vida privada, das angústias da existência mediada pela propriedade e pelas relações de classe, que antecipa temas como o direito ao aborto<sup>42</sup>, o feminismo e a opressão familiar na sociedade capitalista (Enderle e Fontanella, 2006, p.11). Além do recorte de classe, destacamos que as mulheres negras e indígenas e de baixas rendas, são as que mais sofrem com as violências acerca

<sup>39</sup>Atualmente, tramitam projetos de leis com o N°3946 como proposta de se efetivar o reconhecimento do exercício da profissão de doula. Segundo o calendário o dia 18 de dezembro é considerado o dia da Doula, mas ainda não foi sancionada nenhuma lei de reconhecimento e legitimidade a respeito dessa data.

<sup>40</sup>O plano de parto surge como uma forma de assegurar as escolhas e preferências das parturientes no momento de dar à luz. Esse documento precisa ser respeitado pela equipe que dará a assistência a saúde no parto da mulher. Pois, a intenção é estabelecer um elo de confiança e segurança entre os profissionais que irão acompanhar a mulher durante essa experiência, com a prerrogativa de que as intervenções que irão acontecer serão de forma necessária em relação ao risco de vida da mulher e do bebê. No site da Casa Angela, uma referência nacional de casa de parto humanizado localizada na zona sul de São Paulo e 100% SUS, podemos encontrar alguns modelos de planos de parto feitos por mulheres, que foram atendidas nessa casa. Acesse: <<https://www.casaangela.org.br/planos-de-parto.html>>.

<sup>41</sup>Acessa informações na Apostila completa no curso de doulas, disponível em: <<https://doulabrasil.com.br/wp-content/uploads/2020/12/APOSTILA-COMPLETA-CURSO-DE-DOULA.pdf>>.

<sup>42</sup>A esterilização ocupou lugar privilegiado durante anos na agenda política das mulheres negras que produziram campanhas contra essa prática em função dos altos índices que o fenômeno adquiriu no Brasil, fundamentalmente entre mulheres de baixa renda (a maioria das mulheres que são esterilizadas o fazem porque não encontram no sistema de saúde a oferta e a diversidade dos métodos contraceptivos reversíveis que lhes permitiriam não ter de fazer a opção radical de não poder mais ter (CARNEIRO, 2003, p. 124, *apud* IACONEI, 2023, p.166).

da exploração da reprodução de organismos e assistência ao parto<sup>43</sup>. Por consequência, esses aspectos interferem por meio do androcentrismo<sup>44</sup> acerca da arte de fazer parto e nas políticas de assistência ao parto, que antes do ressurgimento da obstetrícia era uma atividade inerentemente feminina.

A prática obstétrica que tem o advento na era industrial, junto ao capitalismo *estimulou o caráter desumano e bestial da sociedade burguesa*, segundo Marx. Os males econômicos do capitalismo estão relacionados aos baixos salários, ao desemprego e à miséria, que permitem tanto à violência às mulheres de classes desassistidas quanto às agressões de parcela dos profissionais de saúde. Cabe ressaltar ainda que muitos o fazem visando o bem e o restabelecimento da saúde, por ignorarem os resultados de suas práticas em longo prazo. Ademais, Peuchet, personagem do ensaio marxista, ressalta as manifestações de injustiça social que não são diretamente econômicas, mas dizem respeito à vida privada de indivíduos não proletários (*Ibid.*, p.17). Geralmente, essa injustiça social tem como principais vítimas as mulheres, que exercem funções sem remuneração, principalmente atividades e funções de cuidados, como a própria categoria de parteira. Talvez seja esse aspecto que tenha feito a profissão obstétrica negar a própria arte da parteira<sup>45</sup>. Visto que, a arte de realizar partos na época da antiguidade já foi posta como uma ação inferior à arte de partejar ideias. Nesse período, a arte de realizar partos está no ato de cortar o cordão umbilical (de “colher” o feto). Outro ponto importante, é que na Grécia antiga as mulheres não eram consideradas cidadãs, logo não faziam parte das discussões da administração pública da cidade e por conseguinte da própria economia.

Stone cita que, algumas feministas expressaram dúvidas sobre as associações entre as mulheres e a dádiva<sup>46</sup> (associações que estão presentes, por exemplo, na

<sup>43</sup>Conforme podemos ver em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/954260-debatedores-dizem-que-mulheres-negras-e-pobres-sao-maiores-vitimas-violencia-obstetrica/#:~:text=Especialistas%20ouvidos%20pela%20Comiss%C3%A3o%20Especial,renda%20s%C3%A3o%20as%20maiores%20v%C3%ADtimas>>.

<sup>44</sup>Uma das principais características da sociedade patriarcal pode ser circunscrita na definição do termo androcentrismo, postura segundo a qual todos os estudos, análises, investigações, narrações e propostas são enfocadas a partir de uma perspectiva unicamente masculina, e tomadas como válidas para a generalidade dos seres humanos, tanto homens como mulheres (OLIVEIRA, 2004, p.43).

<sup>45</sup>Atualmente foi promulgada a LEI Nº 13.100, DE 27 DE JANEIRO DE 2015, que Institui o dia 20 de janeiro como Dia Nacional da Parteira Tradicional. Porém, atualmente há uma luta trabalhista e previdenciária pelo reconhecimento do ofício das parteiras tradicionais no Brasil, basta fazer uma pesquisa online que encontramos propostas e tramitações de projetos de leis que tentam regulamentar os direitos da profissão de parteiras tradicionais.

<sup>46</sup>No entanto, pode-se argumentar que esta interpretação da gravidez como hospitalidade abrange um conjunto de realidades mais complexo e difícil. Estas considerações não pretendem ser objecções decisivas à explicação de Guenther, mas antes como notas de cautela sobre ideias de que nascer é uma dádiva materna. (Nossa Tradução). Em original: Arguably, though, this interpretation of pregnancy as hospitality covers over a more complex and difficult set of realities. These considerations are meant not as decisive objections to Guenther's account but rather as notes of caution about ideas that being born is a maternal gift (STONE 2019, p.226).

celebração de Cixous da economia da dádiva “feminina” – gratuita, generosa, perdulária, luxuosa, livre de cálculo – contra a economia de troca “masculina”). (Cixous *apud* STONE, 2019, p.235).

Ao tentarmos entender em que consiste essa economia de troca, dita “masculina” encontramos, na profissão da obstetrícia moderna, a transformação do trabalho de parto em forma de mercadoria. Os corpos ali presentes se tornam objetos de mercadoria, seguem a lógica do valor de troca em detrimento do valor de uso. Para que possamos compreender essa lógica, é necessário observar a quantidade de tempo dispendida no parto natural em comparação ao de cesárea. Conforme a ideia de mercadoria de Marx, que pode ser tudo corpóreo e não corpóreo, pois possui a capacidade de abstração para gerar um valor útil e de troca, entende-se que o trabalho de parto, a vida, o corpo da mulher a dar à luz e o bebê se tornam objetos de valor de troca por dinheiro. Assim, a obstetrícia inicia o processo de monetização da vida e do nascimento com a finalidade de estimular uma maior aderência as cesarianas para aumentar o consumo e conseqüentemente um maior lucro para o médico e o próprio sistema capital. Pois, o modo de nascimento pelo procedimento cirúrgico promove um maior controle acerca do tempo, onde os profissionais obstetras, podem agendar um maior número de partos e nascimentos, o que fará a instituição hospitalar e toda a equipe profissional ganhar mais.

Por consequência, a violência obstétrica tem como fundamento a aceleração do parto, porque não é lucrativo respeitar o tempo biológico da natureza e uso dos equipamentos hospitalares e tecnológicos, que possuem a finalidade de encarecer o processo de nascimento<sup>47</sup>. Primeiro, porque a concepção de força produtiva é o que promove a aceleração e intervenção do homem na natureza, pois ela não respeita o tempo natural das coisas, logo há a necessidade de acelerar o processo genealógico (Karl Marx ). Segundo, porque há uma divisão social do trabalho. Terceiro, porque o parto natural é algo que pode ser valor de uso e de baixo valor de troca. É esse o caso quando sua *utilidade para o homem não é mediada pelo trabalho*, uma vez que o processo de nascimento é um processo que acontece de maneira involuntária e natural, quando não necessário realmente uma intervenção para auxiliar a expulsão do bebê. Uma coisa pode ser útil e produto do trabalho humano sem ser mercadoria. Como por exemplo, a capacidade da mulher em poder parir sozinha o seu próprio bebê, pois é uma condição feminina natural, conforme salienta Marx “quem, por meio de seu produto, satisfaz sua própria necessidade, cria certamente valor de uso, mas não mercadoria” (MARX, 2017, p.118).

---

<sup>47</sup>Em Humanização do parto no Pré-natal e nascimento divulgado pelo Ministério da Saúde em 2002, podemos ver no quadro esquemático intitulado como a Nova sistemática de Pagamento à Assistência ao Parto, que há essa relação de variação de valores na tabela de cada tipo de parto. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/parto.pdf>.

A conversão do corpo gestante em objeto e sucessivamente em mercadoria, é um dos problemas que conectam sobre como é consolidada a estrutura social moderna. Na sociedade moderna, constitui a sujeição das mulheres – incluídas as “burguesas” – e a natureza opressiva da família burguesa (Enderlene&Fortanella, p.19). Essa natureza opressiva patriarcal, interfere incisivamente nas decisões políticas de reprodução sexual e do direito ao aborto. Em síntese, segundo Marx essa natureza deve-se à condição de subalternidade da mulher pelo Código Civil e direito à propriedade privada escritas pelo homem, marido/esposo, família (pater), etc., o que torna a mulher um sujeito sem liberdade, aprisionado, vítima e condiciona à depressão. Marx diz que ainda hesitava em relação a sua posição sobre o assunto do aborto, “ainda que em milhares de casos, como em partos difíceis, por exemplo, quando a questão cirúrgica oscila entre o salvamento da mãe ou o do bebê, a *política ou o humanitarismo* decidam inescrupulosamente de acordo com suas preferências” (Marx, 2006, p.47). Sobre o aspecto político do nascimento, compreendemos que o trabalho de parto está interligado ao trabalho reprodutivo, que é desconsiderado sociedade moderna e atual. Conforme podemos ver a classificação de Arendt a respeito de três tipos de trabalho relacionadas à vida humana, como 1. o trabalho (manutenção da vida); 2. a obra (produção de algo novo); 3. e ação (vida pública, política), onde toda atividade humana relacionada ao primeiro é invisibilizada, trabalhos ligados essencialmente à ética do cuidado. A pensadora destaca que [do]s três [labor, trabalho e ação] indicados, é “a ação [que] tem a conexão mais próxima com a condição humana de natalidade; o novo começo inerente ao nascimento só pode fazer-se sentir no mundo porque o recém-chegado possui a capacidade de começar algo de novo, isto é, de agir (Arendt apud STONE, 2019, p.35. Nossa tradução)<sup>48</sup>. Ademais, a ação que é inerente as atividades humanas e que faz o novo ser agir no mundo, porque inicia a sua existência devido a sua natalidade. Deveria então, ser a natalidade o fundamento da “ação da atividade política por excelência” e não a mortalidade. A natalidade é situacional na sociedade, pois o indivíduo só pode agir de acordo com sua consciência política referente a sua condição social. Logo, a natalidade “pode ser a categoria central do pensamento político, distinto do pensamento metafísico” (Ibid., p.35), caso contrário o indivíduo encontra-se em um estado de alienação a respeito da vida social e econômica. Por este motivo, para que a mulher tenha uma decisão autônoma sobre a forma e condições de parto que é de sua vontade, faz-se necessário que

---

<sup>48</sup>[O]f the three [labour, work and action], action has the closest connection with the human condition of natality; the new beginning inherent in birth can make itself felt in the world only because the newcomer possesses the capacity of beginning something anew, that is, of acting. In this sense of initiative, an element of action, and therefore of natality, is inherent in all human activities. Moreover, since action is the political activity par excellence, natality, and not mortality, may be the central category of political, as distinguished from metaphysical, thought.

ela reflita, imagine-se cenários, seja crítica, que interprete suas emoções e alternativas a respeito da sua expectativa de parto e necessidades nesse momento. Todavia, acreditamos que a autonomia da mulher no trabalho de parto é totalmente relacional, pois o meio ao qual ela está condicionada a viver essa experiência irá impactar de forma incisiva todo o processo fisiológico necessário para a liberação dos hormônios primordiais para a expulsão natural do bebê. E, esses hormônios somente são liberados porque estão conectados com a sua psique por efeito da natureza das suas emoções. Por este motivo, “as condições sociais, incluindo as relações pessoais, podem promover ou dificultar o desenvolvimento e o exercício destas diversas capacidades – de modo que a autonomia só é possível dada a “extensa estrutura interpessoal, social e institucional” (STONE, 2019, p.103)<sup>49</sup>. Dessa maneira, a necessidade da mulher em trabalho de parto está acompanhada por profissionais, parteiras, mulheres ou pessoas de sua confiança, que promova o sentimento de segurança é de extrema importância, por conta dessa dependência emocional para estimular a sua natureza biológica a profissão de parteira ou do obstetra deve ter como princípio o caráter humano, isto é, que considera a integralidade do cuidado.

Conforme tratamos, o ofício de parteira tradicional é uma profissão que existe desde a origem da espécie humana, afinal todos nós tivemos que nascer. Por este motivo, acreditamos que o ponto mais relevante da questão é compreendermos este problema epistemológico: a introdução da ideia de parto humanizado nas experiências de parto na nossa sociedade contemporânea está efetivamente sendo humanizado?

Vimos que, a profissão obstétrica se tornou essencial para a sobrevivência de mulheres e bebês em casos complicados e de risco à vida de ambos. Mas, esse modelo de nascimento se tornou frequente e tomou protagonismo no modo e condições de nascimento. Dessa maneira, podemos perceber que o trabalho reprodutivo é desvalorizado economicamente, assim como o próprio ofício da parteira, que nega o conhecimento tradicional e a sabedoria prática desses fazeres e cuidados desse ofício. Como consequência, o surgimento da profissão de doula nos mostra a necessidade afetiva e humana que parturientes necessitam na experiência de parto. Todavia, o (...) aspecto (ii) de nascer, [que] iniciamos a vida situados no mundo no que diz respeito a muitas variáveis, entre elas a cultura (STONE, 2019, p.35), conforme aponta Stone. Entre essas variáveis estão aspectos relacionados a (...) gênero, raça, classe e outras divisões sociais; geografia; história; corpo; e colocação num conjunto específico de relações pessoais e mais amplas,

---

<sup>49</sup>And, for Meyers and other relational autonomy theorists, social conditions, including personal relationships, can foster or hinder the development and exercise of these several capacities—so that autonomy is only ever possible given ‘extensive interpersonal, social, and institutional scaffolding’.

incluindo redes de parentesco e diferenças geracionais (*Ibid.*, p.112)<sup>50</sup>. Eis aí, outros obstáculos em relação ao parto humanizado, pois as “nossas situações natais moldam os conjuntos de horizontes culturais e relações de poder que começamos imediatamente a absorver e a recorrer para dar sentido ao ambiente em que nos encontramos” (*Ibid.*, p.232)<sup>51</sup>. Nesse sentido, podemos perceber que em cada região diferente do Brasil, a acessibilidade sobre os modos e condições de nascimento está restrita à determinados grupos sociais. Apesar de, termos alguns hospitais, maternidades e casas de partos acessíveis e gratuitas<sup>52</sup>, que são referência nacionais na luta pela humanização do parto, a busca pela humanização do parto ainda não é de conhecimento de boa parte da população, especialmente os que tem baixa educação formal, que são grupos que mais sofrem com as violências e preconceitos.

Todavia, atualmente estamos em um período que cada vez mais as pessoas buscam uma tomada de consciência sobre o que Michel Odent denomina como *Homo ecologicus*<sup>53</sup>. Essa ideia do *Homo ecologicus*<sup>54</sup>, surge por meio da seguinte alegação: (...) a história do nascimento está chegando a um ponto de mudança; é uma forma simples de sugerir que os hormônios do amor estão se tornando inúteis no período crítico que envolve o nascimento; é uma forma simples de inspirar questões em termos de civilização (ODENT, 2010, p.66). Ora, mas não é através do amor que se fundamenta o princípio do nascimento da Filosofia? Não seria o amor (Eros) e a *philia* (amizade) associado à *sophia* (sabedoria),

<sup>50</sup>Under aspect (ii) of being born, we begin life situated within the world with respect to many variables, amongst them culture; gender, race, class and other social divisions; geography; history; body; and placement in a specific set of personal and wider relationships, including kin networks and generational differences.

<sup>51</sup>If there is an element of choice to the courses our lives take, nonetheless our original natal situation is absolutely given to us, unchosen. Hence, we begin as soon as we are born, and in being born, to receive.

<sup>52</sup>Como os casos do Hospital Sofia Feldeman em MG, a Casa de Parto Angela em São Paulo, Casa Parto Rio de Janeiro, entre outras, que podem ser encontradas em *PARTO E NASCIMENTO DOMICILIAR ASSISTIDOS POR PARTEIRAS TRADICIONAIS: O Programa Trabalhando com Parteiras Tradicionais e Experiências Exemplares* divulgado pelo MS, especificamente na página 41 e 42.

<sup>53</sup>Homo ecologicus é pensar as crianças e sua educação, pensá-las/cuidá-las desde que vêm ao mundo, ou seja, no parto ecológico, aquele que é feito de modo natural, em especial acompanhado de parteiras, e dando oportunidade à mãe a produzir ocitocina e endorfinas, hormônios da ligação amorosa com o bebê, ambientada adequadamente, estabelecendo uma relação mais integrada. Para tanto, é necessária uma opção básica das mães por uma alimentação e prática de vida o mais natural possível (Cf. Michel Odent, *Genèse del’homme écoloque*. Paris: Epi, 1979 apud PELIZZOLI, 2011, p.13).

<sup>54</sup>Outro aspecto interessante é o sentido etimológico que Pelizzoli nos recorda os aspectos conceituais: *Homo economicus*... Em tese, como os conceitos de ECO (*oikos* - casa) e de *nomos* (lei, organização...) e de *logos* (sentido, palavra, racionalidade) revelam que a economia é irmã gêmea de ecologia. O *homo ecologicus* que trazemos aqui à tona, pode ser visto, idealmente, como um *homo economicus*, não necessariamente no sentido de ser engolido pelas estratégias do mercado ou pelo consumo, mas no sentido de que vive em..., habitando - habitat - ambientes que se moldam pelo modo de administrar, ordenar, organizar – tudo isto é o que revela a palavra *nomia*, *nomos*. Por isto, “economia ecológica”, em termos, é redundante, pois, como poderá ser economia se não “economiza”, ou seja, planeja, organiza e executa sustentavelmente a “casa”? O social determina-se pela economia, mesmo que não se reduza a ela. E aqui, evidentemente, se revela a manifestação dos seres humanos como *zoon politikós*, como diria Aristóteles, o animal político que somos. Do grego, *pólis*, significa a cidade, e um lugar em que se encontram os conflitos de interesses, as questões e as necessidades do nível social. O *homo ecologicus* é um *zoon politikós* (PELIZZOLI, 2011, p.5).

que se tem a origem e a fundamentação do pensamento filosófico e, por conseguinte a própria fundação da primeira organização social política?

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós acreditamos, que o princípio básico da organização política está associado exatamente ao nosso processo de dependência, a nossa essência da natureza humana é relacional. Por este motivo, como salienta Odent, o “nosso objetivo não deveria ser eliminar a cesariana, que é uma maravilhosa cirurgia de emergência” (*Ibid.*, p.66), mas sim “criar condições para que o maior número possível de mulheres dê à luz a bebês e placentas com liberação de seus hormônios naturais<sup>55</sup>. Esse objetivo será realista apenas no dia em que as necessidades básicas das parturientes forem bem entendidas” (ODENT, 2010, p.66). Pois atualmente, ao longo da nossa história do ocidente chegamos em um momento em que “o altamente inteligente *Homo* superpredador é capaz de fazer os hormônios do amor inúteis” (*Ibid.*, p.66). Lembramos que, salientamos a cosmovisão ocidental, mas que atualmente ainda podemos presenciar o ofício das parteiras tradicionais em comunidades situadas em diversas regiões do Brasil, assim como em diversas culturas e etnias indígenas, afro-indígenas e quilombolas, que possui costumes, conhecimentos medicinais e a sabedoria transmitida de forma oral, de geração em geração, acerca do parto e nascimento. Dessa forma, este trabalho tentou traçar e delimitar inicialmente uma perspectiva histórica do ocidente acerca do nascimento e do parto, visto que abranger outras perspectivas poderá ser uma missão futura de pesquisa, análise e comparação a respeito do entendimento do parto, que se estende em outras matrizes étnicas.

Por este motivo, compreendemos que a natalidade como ponto central do pensamento político foi o que possibilitou o “parto da filosofia”, afinal a *cosmópolis* se fundamentou como uma forma de resolver o problema dos conflitos humanos e a busca do bem viver, para uma vida plena, assim como a possibilidade do “homem em parir ideias” ou fundamentação das *epistemes* (*ciências modernas*). Mas com o passar do tempo e na modernidade, com advento do capitalismo o egocentrismo se tornou mais poderoso, fazendo do individualismo uma cadeia de competição predatória<sup>56</sup>. Pois, a política se tornou

<sup>55</sup>Esse processo natural, conforme já mencionado anteriormente é que evita uma série de doenças, assim como a própria depressão pós-parto.

<sup>56</sup>Segundo Stone, a vulnerabilidade existencial devida as relações sociais se exigem obrigações às internalizações de crenças que, “como crianças, de sermos formados por relações de poder e estruturas de significado concomitantes antes de adquirirmos qualquer capacidade para questioná-las. Pois estes enquadramentos muitas vezes dão sentido às desigualdades a que estão ligados, justificando-as (por

um instrumento de poder e dominação, por este motivo conforme pudemos ver, a tradição preferiu ler uma teoria platônica, que excluí a participação de mulheres da vida pública, logo das decisões legisladoras da pólis. Por consequência, pudemos observar que até os dias atuais há lutas pelos direitos femininos. Apesar de Platão ter optado pelo orfismo, não ignorou as influências dionisíacas e foi ele, e ninguém mais, que introduziu a metáfora do parto na filosofia. Além do mais, os demais filósofos, com exceção de Hobbes e outros poucos, sempre retrataram as mulheres como inferiores.

A reformulação do ato de nascer e das condições de nascimento é uma proposta importante e poderosa para a filosofia, porque ela dá origem ao processo filosófico que busca uma nova forma de estrutura social. Pois, conforme tratado o termo parto humanizado parte da ideia da “capacidade inata que as mulheres têm em dar à luz” (ODENT, 2002, p.125), isto é, uma retomada da valorização humana do sujeito que foi oprimido, silenciado, violentado e objetificado em toda a história do ocidente.

Na Filosofia do Nascimento de Stone, onde a autora faz uma espécie de ontologia do ato de nascer, destaco apenas o seu conceito de situacionalidade, que está interligado com outros três conceitos que são importantes, que é a dependência, relacionalidade e poder, pois acreditamos que a condição social em que as mulheres vivem determina essencialmente as formas e condições de nascimento.

Assim como na filosofia não se cria um novo conceito da nossa própria cabeça, é o processo de parir conceitos, que chegamos à concepção de parto humanizado na nossa sociedade contemporânea. O parto na filosofia demonstra que as ideias nascem no debate, mas esse diálogo é possível por toda espécie humana e não somente através do domínio de um sexo biológico, como exclusivamente masculino, ou propriamente de uma cultura central, por isso trata-se da concepção da ideia de humano. A necessidade desse debate inter-relacional entre os sexos, gêneros, identidades de gênero e étnicas se mostra cada vez mais necessário, visto que a cultura da violência é transmitida através de abusos e negligências entre indivíduos que partilham vivências e experiências de forma temporal. Por mais que o ocidente elucide a autossuficiência, autonomia e racionalidade através de uma negação do estado de vulnerabilidade e dependência, todos nós nascemos, fomos e seremos por natureza dependentes e vulneráveis em determinadas fases da vida. Pois, todos nós somos seres paridos, gestados e reprodutivos em nossa natureza e existência

---

exemplo, racionalizando a vulnerabilidade das mulheres à violação através de ideias de que os homens **são naturalmente predadores**). Em original: Further obligations arise out of our vulnerability, as children, to being formed by power relations and attendant frameworks of meaning before we acquire any capacities to question them. For these frameworks often make sense of the inequalities with which they are bound up by justifying them (e.g. rationalizing women’s vulnerability to rape through ideas that men are naturally predatory) (STONE, 2019, p.79).

humana<sup>57</sup>. E, por fim uma espécie que sobreviveu e vive de forma relacional, logo social e coletivamente, assim foi e é o princípio (arché) das pólis.

---

<sup>57</sup>Pela natureza do nascimento humano, começamos a vida altamente dependentes de cuidados e passamos por um longo período de dependência e aprendizagem cultural. Em vários outros aspectos – língua, trabalho, vida pessoal, confiança – continuamos dependentes de outros ao longo da vida, e essas dependências têm continuidade com as nossas primeiras dependências natais. Também na natureza do nascimento humano, começamos a vida muito imaturos e informes e altamente permeáveis e receptivos à cultura. Em original: In the nature of human birth, we begin life highly dependent on care, and we undergo an extended period of dependency and cultural learning. In several further respects—language, labour, personal life, trust—we remain dependent on others throughout our lives, and these dependencies have continuities with our early natal dependencies. Also in the nature of human birth, we begin life very immature and unformed and so highly permeable by, and receptive to, culture. (STONE, 2019, p.112).

## REFERÊNCIAS

ACKER, Clara Britto da Rocha. *Dioniso, Diotima, Sócrates e a Erosófia*. **AISTHE**, nº 3, 2008. ISSN 1981-7827.

BRONSTEIN, David. Investigação e Paradoxo do Mênon: Aristóteles, Segundos Analíticos II 8. **Dois pontos**: Curitiba, São Carlos, vol. 7, n. 3 – especial, p.107-130, abril, 2010. University of Boston/ University of Oxford (Balliol College).

BÁRBARA, Maria Leonor Santa. DIONISO E ADONIS: AS FESTAS EM SUA HONRA. **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**, n.º 17, Lisboa, Edições Colibri, 2005, pp. 161-168.

Brasil. **Ministério da Saúde**. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Gestão e Incorporação de Tecnologias em Saúde. Diretrizes nacionais de assistência ao parto normal: versão resumida [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Gestão e Incorporação de Tecnologias em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 51 p.: il. Modo de acesso: World Wide Web: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_nacionais\\_assistencia\\_parto\\_normal.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_assistencia_parto_normal.pdf) ISBN 978-85-334-2477-7. Acesso em 05 de abril de 2024.

CARNEIRO, S. *Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro*. In: HOLLANDA, H. B. (org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: **Bazar do Tempo**, 2019. p. 43-50.

Enderle e Fontanella. Apresentação: **Marx**, Karl, 1818-1883 Sobre o suicídio / Karl Marx ; tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. - São Paulo : Boitempo, 2006.

IGLESIAS E RODRIGUES Apresentação: **PLATÃO**. Teeteto. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Tradução, apresentação e notas de Maura Iglésias & Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora PUC-Rio; Edições Loyola, 2020. 264 pp. ISBN (PUCRio): 978-65-991801-0-1. ISBN (Edições Loyola): 978-65-5504-040-1.

**IACONELLI**, Vera. *Manifesto Antimaternalista*. Editora: Zahar, 2023. Disponível em: <<https://elivros.love/livro/baixar-livro-manifesto-antimaternalista-vera-iaconelli-em-epub-pdf-mobi-ou-ler-online>>. Acesso em 05 de abril de 2024.

JESUS, Susana. O papel das mulheres em A República de Platão (livro V): utopia no feminino ou tópicos para uma reflexão propedêutica sobre Direitos Humanos.

**Brotéria:**CLEPUL – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2015. p. 237-250.

**MARX**, Karl. 1818-1883. *O capital: crítica da economia política: Livro 1: o processo de produção do capital*/Karl Marx; tradução Rubens e Darne. - 2. ed. - São Paulo: Boitempo 2017. (Marx e Engels). ISBN: 978-85-7559-548-0.

\_\_\_\_\_ Sobre o suicídio / Karl Marx ; tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. - São Paulo : Boitempo, 2006.

**MORA**, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia - TOMO III (K-P)*. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2001. ISBN: 85-15-02006-8.

**Brasil. Ministério da Saúde.** *Secretaria de Atenção à Saúde. Parto e nascimento domiciliar assistidos por parteiras tradicionais [recurso eletrônico]: o Programa Trabalhando com Parteiras Tradicionais e experiências exemplares / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde.* – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010. 90 p. – (Série C. Projetos, Programas e Relatórios) Modo de acesso: World Wide Web: Título da página da web (acesso em 05 abril 2024).

**Brasil. Ministério da Saúde.** Humanização do parto Humanização no Pré-natal e nascimento. Brasília-DF, 2022. Disponível em: <<https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/parto.pdf>>. Acesso em 05 de abril de 2024.

**ODENT**, Michel. *O renascimento do parto*. Florianópolis: Saint German, 2002. 142 p.

OLIVEIRA, Rosa Maria Rodrigues de. PARA UMA CRÍTICA DA RAZÃO ANDROCÊNTRICA: GÊNERO, HOMOEROTISMO E EXCLUSÃO DA CIÊNCIA JURÍDICA. *Revista Seqüência*, n.º 48, p. 41-72, jul. de 2004.

**PLATÃO.** *Teeteto*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Tradução, apresentação e notas de Maura Iglésias & Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora PUC-Rio; Edições Loyola, 2020. 264 pp. ISBN (PUCRio): 978-65-991801-0-1. ISBN (Edições Loyola): 978-65-5504-040-1.

**PELIZZOLI**, Marcelo L. *Homo Ecologicus*. EDUCS; 1ª edição (1 janeiro 2011). 179 p.

**STONE** Alison. *Being Born: Birth and Philosophy*. United States of American: Oxford

Uniuersity, USA, 2019. ISBN: 978-0-19-884578-2.

**ZUGAIB**, Marcelo; Francisco, Rossana Pulcineli Vieira (eds). Zugaib obstetrícia [3.ed.].  
BARUERI: Manole, 2016. 1329p.

## ANEXO I -DELINEADO HISTÓRICO DO LIVRO OBSTETRÍCIA DE ZUGAIB

TEMPO HISTÓRICO DE REGISTROS ACERCA DO PARTO	DESCRIÇÕES DAS ASSISTÊNCIAS AO PARTO	EMBRIOTOMIA
<p><b>Primeiro Período</b> (Primórdios - séc. V a.C.)</p>	<p>Tocologia intuitiva; a figura protagonista na profissão eram mulheres obstetrias, mulheres leigas e parteiras; era proibido a figura masculina nessa função.</p>	<p>(...) eram utilizados instrumentos domésticos, como facas, ganchos etc. E assim aparecem os primeiros instrumentos embriotômicos e a cadeira obstétrica (ZUGAIB, 2016, p.15).</p> <p>No final deste período histórico, encontra-se a mais antiga documentação autêntica sobre a <i>cesárea</i>, no reinado de Numa Pompílio (714-672 a.e.), em Roma, realizada em vigência da <i>Lex Regia</i>, que ordenava a abertura do ventre e todas as mulheres que <b>faleciam grávidas</b>. Os funerais não ocorriam enquanto a lei não fosse cumprida (<i>ibid.</i>, p.15-16).</p>
<p><b>Segundo Período</b> (460 a.C./377 a.C. - séc. III [Era Cristã]).</p>	<p>Sobre a assistência ao parto, o médico (homem) era solicitado apenas nas complicações embora as obstetrias fossem legalmente reconhecidas em seu papel social por Sócrates e Platão (Zugaib, p.16).</p> <p>Hipócrates (470-377a.C.) diferencia a religião da medicina; difundiu os conhecimentos da medicina grega ensinando a arte obstétrica e fundou a Escola de Alexandria. Nesse período, Hierófilo (300 a.C.) descreveu os ovários e as tubas uterinas (p.16).</p> <p>Celso (27 a.C.-50 d .C.), dotado de imensa cultura, era conhecido como "cícero da medicina". Em sua obra <i>De nedicintJ</i>, faz recomendações sobre parto pélvico, exame obstétrico e retirada manual da placenta (p.16).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Evisceração fetal;</li> <li>● cadeira obstétrica;</li> <li>● prática de abortos e prescrição de medicamentos (tolerância legislativa);</li> <li>● palpação abdominal na gestante, inspeção da genitália externa, sinais de gravidez, sinais do Secundamento, diagnóstico da morte fetal pela galactorreia (sinal de Hipócrates), variedades de posições do polo cefálico e circulares de cordão, toque vaginal.</li> <li>● parto pélvico;</li> </ul>
<p><b>Terceiro Período</b> (séc. III- séc.XV)</p>	<p>Retrocesso:</p> <p>Proibição do ato propedêutico, abortos e métodos já conhecidos para diagnósticos pela Igreja Católica;</p>	<p>Avicena, Abu· Ali al Husayn ibn Abdallah ibn Sina (979-1037), filósofo árabe que era conhecido como "príncipe dos médicos·, escreveu <i>Canon</i>, um texto enciclopédico em que descreve detalhes da anatomia gonadal</p>

	<p>Função atribuída apenas para mulheres, pois houve um discurso de se negar a fazer toque ou palpação, assim como a cirurgia, pois era considerada “impura e intacta a dignidade da ordem dos médicos” (p.17).</p> <p>Muito importante no período, ainda medieval foi a iniciativa do imperador Constantino, em 335, de construir hospitais. o que foi estimulado pelo papa Inocêncio III no século XIII e por Mondino, um anatomista, em 1315 (p.17).</p>	<p>feminina, trata de temas de esterilidade masculina e feminina, preconiza métodos anticoncepcionais para mulheres com doenças gonadais, ensina a provocar abortamento com <i>injeções intrauterinas</i> e dita cuidados de higiene pré-natal (p.16).</p>
<p><b>Quarto Período</b> (séc. XVI- séc.XIX)</p>	<p><b>Renascimento da obstetrícia:</b> o verdadeiro surgimento da ciência e arte obstétrica;</p> <p>Ainda há predominância de parteiras na assistência ao parto, porém no séc. XVII surge a figura do <i>man-midwives</i> ou <i>accouchers</i>, ou seja, dos parteiros homens, antes proibidos (p.18).</p> <p>Nesse período, o fato das parteiras serem ainda muito presentes no trabalho de parto, está ligado ao que Zugaib diz que “o profissional se via forçado a viajar muitas horas, quando solicitado, para dar assistência em zona rural, e lá permanecia dias, até o nascimento”(p.23).</p>	<p>-<i>fórcipe</i> denteado para exuação de fetos mortos, conhecido no mundo árabe. O instrumento servia para manipulações internas e externas, com a finalidade de se transformar a apresentação cefálica em apresentação pélvica, modo de pés, para a ultimação do parto com a extração podálica. Nos partos pélvicos, para a liberação da cabeça derradeira, Rueff descreve a técnica de se pressionar o fundo uterino (p.17-18).</p> <p>- não havia a operação cesária;</p> <p>- o irlandês Fielding Ould (1710-1789), <i>man-midwife</i>. preconizador da <i>episiotomia</i>, e Nicolau Puzos (1686-1753), precursor dos professores de obstetrícia, que preconizou a <i>amniotomia</i> (p.20).</p> <p>- Obsoleta nos dias atuais, a <i>sinfisiotomia</i> foi realizada pioneiramente em 1777, por Jean René Sigault, suscitando grande entusiasmo e polêmicas;</p> <p>-Jean-Louis Baudelocque (1746-1810) dominava como poucos a <i>pelvimetria</i>, particularmente a externa; condenou o fetiódio terapêutico; defendeu com maestria o <i>fórcipe</i>; e ousou ao defender a cesárea (p.20);</p> <p>-René Théophile Hyacinthe Laennec (1781-1826) inventou, em 1816, o <i>estetoscópio</i> e idealizou a <i>ausculta</i> no século XIX, foram alcançadas muitas conquistas no campo propedêutica fetal. O seu auxiliar, Jean-Alexandre Lejumeau de Kergaradec (1787-1877), conseguiu <i>auscultar os batimentos cardíacos fetais</i> em 1821 (p.20).</p> <p>-<i>Febre puerperal</i>, epidemia contagiosa</p>

		<p>transmitida pelo toque íntimo de parteiras e obstetras entre pacientes e após muitas mortes foi evitada apenas pela lavagem das mãos (1775);</p> <p>-<i>Anestesia geral</i> (1846), aplicada na obstetrícia pelo “médico escocês James Young Simpson (1811-1870) o introdutor da anestesia, substituindo o éter pelo clorofórmio, em 1847” (p.22).</p> <p>-<i>Antissepsia cirúrgica</i> - Joseph Lister (1827-1912) transformou “a prática cirúrgica pela redução da infecção pós-operatória e da taxa de mortalidade associada. Em 1860, utilizou desinfetante para roupas cirúrgicas e, em 1867, realizou a primeira cirurgia asséptica (p.23).</p> <p>- Ressurgimento da <i>cesária clássica</i> séc. XIX, antes era feita sem o uso da anestesia e da antissepsia e junto se fazia a <i>histerectomia</i>; parece que em muitos casos não havia a sobrevivência da mãe, pois Zugaib registra que “a primeira cesárea com sobrevivência da mãe foi realizada na Irlanda, por Mary Donally, em 1738. Posteriormente, na Inglaterra, também foi realizada por James Barlow, em 1793; e nos Estados Unidos da América (EUA), por John Richmond, em 1827 (p.23);</p>
<p><b>Quinto Período Modernidade</b> (séc. XX)</p>	<p>Introdução dos cuidados pré-natais e não estritamente ao parto (propedêutica da gestação);</p> <p>Partos instrumentados aumentam porque começa o aperfeiçoamento dos instrumentos cirúrgicos;</p> <p>Uso exagerado dos fórceps (conhecido como fórceps de Kielland), pressa do médico devido a sobrecarga de trabalho e uso abusivo de sedação (clorofórmio);</p> <p>Atualmente a sedação excessiva se dá pelo uso da analgesia e bloqueio de condução;</p> <p>Descobertas de doenças genéticas e maternas e a introdução de novos medicamentos, como insulina para diabetes, prontosol para sífilis, etc.</p>	<p>-<i>Ultrassonografia</i> (1980);</p> <p>-<i>Fórceps de Kielland</i> (1916);</p> <p>-A <i>vácuo-extração</i> ou <i>ventosa</i> foi inventada por Tage Malmstrom, da Suécia, em 1953, e era considerada menos agressiva, sobretudo para a parturiente (p.24).</p> <p>-Em 1909, a descoberta de Henry Dale de que extratos do lobo posterior da hipófise estimulavam as contrações uterinas foi o marco histórico da descoberta da <i>ocitocina</i>. O <i>extrato conhecido como pituitrina</i> passou a ser utilizado com muita frequência, após Stein ter estabelecido a dose mínima para estimular as contrações uterinas (p.25).</p> <p>- <i>neonatologia</i> (1953): frequência cardíaca, esforço respiratório, irritabilidade reflexa, tônus muscular e cor.</p>

	Descoberta da ocitocina (1909);	<p>-<i>hipoxemia</i> (1950) - (anemia, pressão arterial e oxigenação sanguínea, ...);</p> <p>– Em 1977, Fitzgerald e Drumm lançaram a ultrassonografia com o dispositivo Doppler (p.26).</p>
--	---------------------------------	--